



Universidade Federal do Sul da Bahia
Campus Paulo Freire - Teixeira de Freitas-BA
Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - IHAC



Memórias e Identidades Culturais: Experiências em Extensão Universitária

Organizadores:
LILIAN SANTOS LIMA ROCHA DE ARAÚJO
FABIO JÚNIOR DA LUZ BARROS
GUSTAVO DE SOUSA SERAPIÃO



MEMÓRIAS E IDENTIDADES CULTURAIS
EXPERIÊNCIAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Lilian Santos Lima Rocha de Araújo
Fábio Júnior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Organizadores

MEMÓRIAS E IDENTIDADES CULTURAIS
EXPERIÊNCIAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



Feira de Santana - Bahia
2026

Copyright © 2026 by Lilian Santos Lima Rocha de Araújo, Fábio Júnior da Luz Barros e Gustavo de Sousa Serapião (Organizadores)

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica: *Editora Zarte*

Capa: *Gustavo de Sousa Serapião*

Revisão textual e Revisão de provas: *Os Organizadores*

Conselho Editorial

Claudio André Souza

João Daniel Guimarães Oliveira

Maria de Lourdes Novaes Schefler

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda

Maria Victória Espiñeira González

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M487 Memórias e identidades culturais [recurso eletrônico] : experiências em extensão universitária / Lilian Santos Lima Rocha de Araújo, Fábio Júnior da Luz Barros, Gustavo de Sousa Serapião (organizadores). – Feira de Santana : Editora Zarte, 2026.

186 p.: il.

E-book

Formato: PDF

ISBN 978-65-83341-25-9

1. Identidade cultural. 2. Memória. 3. Extensão universitária.

4. Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Teixeira de Freitas.

I. Araújo, Lilian Santos Lima Rocha de, org. II. Barros, Fábio Júnior da Luz,

org. III. Serapião, Gustavo de Sousa, org.

CDU 378(814.22)

Elaboração: Luis Ricardo Andrade da Silva – Bibliotecário – CRB 5/1790



Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Zarte

Rua Nacional n° 300 A, Parque Ipê - CEP: 44054-064

Feira de Santana, BA Telefone: (71) 99116-6034 WhatsApp

E-mail: zartegraf@gmail.com - @editorazarte

<https://www.editorazarte.art.br/>

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 11

MEMÓRIA E IDENTIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA CASA DA CRIANÇA RENASCER 17

Cleana Pereira Silva Alves

Fábio Junior da Luz Barros

Gustavo de Sousa Serapião

Jaqueline de Jesus Paulo Leocácio

Lílian Santos Lima Rocha de Araújo

Luiz Henrique Santos Passos

Matheus Massanori Andrade Oikawa

MEMÓRIA DO QUILOMBO DE HELVÉCIA 33

Bianca Maria Ribeiro Cavalcante

Camilly de Souza Ferreira

Clarice Tercilia Barnabe

Fábio Junior da Luz Barros

Gustavo de Sousa Serapião

Jamile Souza Justino

Lara Brito dos Santos

Lílian Santos Lima Rocha de Araújo

Maria Delcides Loiola Carneiro

Rosemarcia Assiss de Souza

Yolanda Teixeira de Azevedo

**MEMÓRIA QUE CONSTROEM IDENTIDADE:
AS VOZES DOS IDOSOS DO CENTRO DE
CONVIVÊNCIA DOS IDOSOS DE ITAMARAJU-
BA CONVERTIDO EM MATERIAL EDUCATIVO
INTERGRACIONAL 53**

Fábio Junior da Luz Barros

Lílian Santos Lima Rocha de Araújo

Guilherme de Almeida Melo

Guilherme Santos Pereira

Gustavo de Sousa Serapião

João Edson Nascimento de Souza

Lorena Ribeiro Agostinho

Raiane Pires Nicasse

MEMÓRIA DE BEIRADEIRO 63

Andressa Goncalves Silva

Ângela Maria Pastana Barreto

Brayan Conceição Ropeker

Claudia Ferreira Dos Santos

Emile Oliveira Dal-Bo

Fábio Junior da Luz Barros

Gustavo de Sousa Serapião

Lílian Santos Lima Rocha de Araújo

Pâmela Reis Carvalho

Maria Caroline Oliveira Souza

VOZES INVISÍVEIS 77

Alice Souza Santos

Evellyn Santos Bonfim

Fábio Júnior da Luz Barros

Gustavo de Sousa Serapião
Leticia Ribeiro Matos
Lilian Santos Lima Rocha de Araújo
Priscila Romana Silva Seixas
Paulo Henrique dos Santos Silva
Raquel Mendes Almeida

RETRATOS DE MIM: AUTORETRATOS E IDENTIDADES 85

Beatriz Alves Santos
Estefanie Sfalsin de Freitas
Fábio Júnior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lilian Santos Lima Rocha de Araújo
Luana Santos Brito
Maithê Maria Barbosa de Oliveira
Mirela Arifa Sena

FLORESCENDO IDENTIDADES 95

Naiara Da Silva Guimarães Jacobsen
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lilian Santos Lima Rocha de Araújo

FEIRA DA MEMÓRIA E CULINÁRIA 101

Edivania Costa Argentina;
Fábio Júnior da Luz Barros
Francilda Barros de Santana Souza
Gustavo de Sousa Serapião
Iasmim Rodrigues Silva

Lilian Santos Lima Rocha de Araújo
Maria Tereza Gomes Francelino Souto;
Maxwell Saúde Correia da Silva;
Paulo Henrique Fernandes Conceição Oliveira;
Virgínia Silva Nascimento

**RODAS DE CONVERSAS COM PESSOAS IDOSAS:
MEMÓRIA, IDENTIDAD E RESISTENCIA 109**

Beatriz Borges Gonçalves Silva
Cristina de Jesus Santos
Ednaldo Ferreira da Silva
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lilian Santos Lima Rocha de Araújo
Samira Damasceno Santos
Talita Jesus dos Santos
Veronica Santos Silva

**ARRAIÁ DAS LEMBRANÇAS: EVOCANDO
MEMÓRIAS JUNINAS NO CENTRO DE IDOSOS –
ITAMARAJU – BA 125**

Caroline Afonso da Silva
Fabrcio de Souza Gomes
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lilian Santos Lima Rocha de Araújo
Milena Gonzaga Santos
Regina Pires Nicasse
Tamires Santos Rodrigues Sales

**TRAJETÓRIAS DE VIDA E EDUCAÇÃO: ESCUTA,
ACOLHIMENTO E VALORIZAÇÃO DOS
ESTUDANTES DA EPJAI 137**

Ana Caroline Lima

Carlos Filipi Moreira

Daiane oliveira de Souza

Franciele Cruz Rodrigues

Fábio Junior da Luz Barros

Gabrielli dos Santos Dutra

Guilherme Ramos Vieira

Gustavo de Sousa Serapião

Kelson Talles de Jesus Meireles

Lílian Santos Lima Rocha de Araújo

**ESCUA, VOZ E PERTENCIMENTO: OFICINAS
MUSICAIS COM CONSCIÊNCIA IDENTITÁRIA 147**

Alice Abdias Novais

Fábio Junior da Luz Barros

Gustavo de Sousa Serapião

Igor Ferreira dos Santos

Lílian Santos Lima Rocha de Araújo

Maria Eduarda Bonfim;

Maria Fernanda Venâncio Alves;

Nicolý Gabrielli Silva da Cruz;

Robério Cavalcante Benício;

Sara Silva Alves;

Taciane Vicente

**SABERES TRADICIONAIS, AGROECOLOGIA E
JUSTIÇA AMBIENTAL 159**

Carina Gonçalves de Oliveira

Fábio Junior da Luz Barros

Gustavo de Sousa Serapião

Lilian Santos Lima Rocha de Araújo

CONSIDERAÇÕES FINAIS 165

DADOS DOS ORGANIZADORES 169

DADOS DOS AUTORES 171

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente e-book deriva do Componente Curricular de Extensão (CCEEx) aplicado na Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Teixeira de Freitas – BA. O objetivo desse CCEEx, conforme consta na ementa do curso, é desenvolver ações de extensão universitária que integrem ensino e práticas comunitárias, com foco nas dimensões subjetivas da exclusão social e na valorização das memórias e identidades culturais de grupos historicamente marginalizados e vulnerabilizados, especialmente na região sul da Bahia, articulando saberes acadêmicos e populares na construção de práticas educativas transformadoras. Os Componentes Curriculares de Extensão, como modalidade curricular extensionista, têm como finalidade promover a participação ativa dos estudantes em interação com a comunidade externa, fortalecendo o diálogo entre universidade e sociedade. Todos os alunos e alunas envolvidos nas ações são da graduação; por isso, optamos por não incluir suas formações em cada relatório. Contudo, fica evidente que foram esses estudantes que desenvolveram todas as ações sob a orientação do professor Fábio Barros (Professor Substituto/UFSB), de Lilian Araujo (Professora Assistente/UFSB) e do mestrando e estagiário Gustavo Serapião, todos vinculados à mesma instituição mencionada. Esses três docentes também foram responsáveis pela organização da presente obra com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX da UFSB.

O objetivo deste e-book é mostrar os caminhos percorridos na construção de práticas extensionistas universitárias. Por isso, decidimos não publicar as ações na forma de artigos clássicos, mas sim como relatórios entregues pelos alunos e alunas ao final dos semestres citados acima. Dessa forma, acreditamos que estaremos oferecendo um subsídio ao meio extensionista e científico, especialmente para aqueles que estão iniciando sua atuação na extensão universitária. Neste e-book, apresentamos 13 relatórios com diversas abordagens, tendo como foco a identidade e a memória de grupos socialmente vulneráveis. Para melhor compreensão, organizamos os textos da seguinte forma:

1. Memória e identidade de crianças e adolescentes da Casa da Criança Renascer — por meio de oficinas de fotografia e dinâmicas de escuta sensível, a iniciativa buscou romper com a invisibilidade social e o silenciamento histórico enfrentados por esse grupo vulnerável.

2. Memoriais do Quilombo de Helvécia — explorado por meio da produção de um documentário, mostrando que esse veículo pode servir como ferramenta de resistência e preservação cultural. A narrativa estrutura-se a partir da fundamentação teórica sobre memória e identidade, apresentando o território quilombola como um espaço dinâmico onde o patrimônio imaterial e a ancestralidade são mantidos por meio da oralidade e práticas coletivas.

3. Memória que constroem identidade: as vozes dos idosos do Centro de Convivência dos Idosos de Itamaraju-BA, convertido em material educativo interacional. Esse relatório busca combater a invisibilidade social dos idosos ao transformar suas memórias e vivências em ferramentas educativas.

4. Memória de Beiradeiro — documenta a vida de famílias residentes às margens das rodovias BR-101 e BR-116. Essas populações, marcadas por extrema vulnerabilidade social e invisibilidade institucional, sobrevivem em moradias precárias utilizando a agricultura de subsistência como principal recurso.

5. Vozes Invisíveis — busca resgatar a dignidade de pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas, Bahia, por meio da criação de um documentário participativo.

6. Retratos de Mim: autorretrato e identidade — busca também resgatar a dignidade de pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas, Bahia, através da criação de um documentário participativo.

7. Florescendo Identidade — voltado ao fortalecimento da identidade de alunos com deficiência e em situação de vulnerabilidade social em uma escola municipal. Por meio de uma metodologia inclusiva, fundamentada na escuta e em atividades lúdicas, a iniciativa buscou superar barreiras de autoidentificação e exclusão histórica enfrentadas por esses estudantes.

8. Feira da Memória Culinária — realizado com alunos do Ensino Fundamental na Escola Municipal Gustavo da Costa Machado, Bahia. Esta iniciativa utilizou a alimentação como ferramenta pedagógica para resgatar identidades e fortalecer os laços entre a escola, as famílias e a comunidade local. Por meio da partilha de pratos e histórias, os estudantes exploraram como sabores e aromas funcionam como linguagem simbólica capaz de preservar tradições e memórias afetivas.

9. Rodas de conversa com pessoas idosas: memória, identidade e resistência — uma iniciativa que promove rodas de conversa com idosos na Bahia para valorizar suas memórias e saberes tradicionais. Diante do rápido envelhecimento populacional e do risco de isolamento social, a proposta busca transformar histórias de vida em um patrimônio afetivo coletivo registrado em um álbum de recordações.

10. Arraiá das Lembranças: Registrando Memórias Juninas no Centro dos Idosos — aqui, os alunos e alunas utilizaram as festividades juninas para promover a interação social e a valorização cultural entre idosos em Itamaraju, Bahia. Por meio de uma metodologia que incluiu observação, diagnóstico e oficinas práticas, a ação estimulou a memória afetiva dos participantes por meio de músicas, cordéis, danças e comidas típicas.

11. Trajetória de Vida e Educação: Escuta, acolhimento e valorização dos estudantes do EPJAI — descreve uma ação de extensão universitária realizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Bahia, focada no acolhimento e na valorização de suas trajetórias de vida.

12. Escuta, voz e pertencimento: oficinas musicais em consciência identitária — realizou oficinas musicais com estudantes do ensino médio técnico em Teixeira de Freitas para promover a reflexão crítica e o fortalecimento identitário. Fundamentada nos princípios da educação dialógica de Paulo Freire, a iniciativa utilizou a música como ferramenta pedagógica para conectar vivências pessoais a questões sociais, como racismo e desigualdade.

13. Saberes tradicionais, agroecologia e justiça ambiental — aqui, a aluna propõe uma iniciativa pedagógica focada em evocar os conhecimentos ancestrais para enfrentar a crise ambiental contemporânea no Brasil.

Portanto, temos uma gama de projetos que dão sentido à extensão e à interseção entre a universidade e a população em geral. Inclusive, buscamos incentivar os alunos e alunas a trabalharem com alguns Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que consideramos muito importantes para serem cumpridos em extensão, pois são propostas a serem aplicadas globalmente e as universidades não devem se eximir dessa responsabilidade.

MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA CASA DA CRIANÇA RENASCER

*Cleana Pereira Silva Alves
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Jaqueline de Jesus Paulo Leocácio
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Luiz Henrique Santos Passos
Matheus Massanori Andrade Oikawa*

INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário sociocultural brasileiro, marcado simultaneamente pelo silenciamento de grupos minoritários e pela luta por reconhecimento e efetivação de direitos, emerge a necessidade de ações que promovam visibilidade social a sujeitos historicamente invisibilizados. Nesse contexto, o presente projeto de extensão volta-se às crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, como os atendidos pela Casa da Criança Renascer, no município de Teixeira de Freitas, instituição filantrópica que atua no cuidado, proteção e educação desses sujeitos durante o afastamento familiar.

Crianças e adolescentes acolhidos institucionalmente, em geral, vivenciaram violações de direitos e situações de

risco que impactam diretamente seus processos emocionais e identitários. Inseridos em uma condição de impermanência — entre o retorno à família de origem ou a adoção —, esses sujeitos constroem identidades instáveis e fragmentadas, compreendidas aqui como dinâmicas e em constante transformação, conforme propõe Stuart Hall (2006), ao definir a identidade como uma “celebração móvel”, continuamente atravessada por representações sociais.

Nesse sentido, o projeto *Memórias e Identidades de Crianças e Adolescentes da Casa da Criança Renascer* propôs a realização de oficinas de fotografia, ancoradas em práticas psicopedagógicas de socialização e escuta sensível, inspiradas no método da associação livre, conforme Freud (1913). Essas estratégias possibilitaram a mobilização de memórias e sentimentos ligados às vivências no abrigo, favorecendo processos de expressão, ressignificação e fortalecimento do sentimento de pertencimento, ainda que em um contexto de acolhimento temporário.

A relevância da escuta como condição para a elaboração das experiências é reforçada por Pollak (1989), ao afirmar que o silêncio está relacionado à ausência de espaços de acolhimento da palavra e do “não-dito”. Conforme o autor, é na tensão entre o discurso interior e aquilo que pode ser expresso socialmente que se estruturam as memórias e identidades, sendo a escuta um elemento fundamental para a mobilização subjetiva e coletiva (Pollak, 1989). Quando essas narrativas encontram reconhecimento, tornam-se passíveis de ressignificação e de transformação em memória coletiva ativa, com potencial de subsidiar ações e políticas públicas voltadas a esse grupo social.

A escolha da fotografia como eixo central do projeto fundamenta-se em seu potencial simbólico, afetivo e identitário, uma vez que os registros visuais permitem marcar trajetórias e preservar memórias individuais e coletivas. Conforme Barros (1989), ao dialogar com Halbwachs, a memória constitui-se como um fenômeno social, vinculada aos grupos de pertencimento, como a família, sendo a fotografia um importante mediador desse processo. Assim, as imagens produzidas pelas crianças atuaram como testemunhos visuais de suas histórias, afetos e olhares, rompendo com o silêncio e o esquecimento social que frequentemente atravessam a infância institucionalizada.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

As atividades do projeto foram estruturadas em etapas metodológicas recorrentes, orientadas pelos objetivos de promover a escuta sensível, a construção de memórias e o fortalecimento identitário das crianças e adolescentes acolhidos na Casa da Criança Renascer. Destacaram-se duas estratégias centrais: a escuta atenta, inspirada no método da associação livre, que possibilitou a expressão espontânea de memórias, sentimentos e percepções; e a introdução de técnicas básicas de fotografia, permitindo que os participantes registrassem visualmente experiências significativas. Como produto final, as ações foram documentadas em formato audiovisual, respeitando os cuidados legais relacionados ao uso de imagem.

O primeiro encontro teve como foco o autoconhecimento e a valorização da identidade pessoal. A partir de dinâmicas lúdicas e rodas de conversa, estudantes e crianças dialogaram sobre memória, identidade e expressão de sentimentos. Atividades como o *Jogo do Espelho* favoreceram a percepção corporal, a atenção e a empatia, enquanto a dinâmica do autorretrato possibilitou que cada criança refletisse sobre suas características pessoais, sentimentos e singularidades. Ao final, os registros produzidos foram socializados coletivamente, culminando no *Varal da Identidade*, espaço simbólico de reconhecimento e valorização das diferenças.

Na sequência, foi realizada uma introdução lúdica à fotografia como linguagem capaz de registrar memórias e afetos. Por meio do *Caça ao Tesouro Visual da Identidade*, as crianças fotografaram objetos, espaços e pessoas do abrigo que despertavam vínculos afetivos e significados pessoais, como lugares aconchegantes, cores favoritas e gestos de cuidado. As imagens foram apresentadas e descritas pelos próprios autores, que compartilharam os sentimentos e memórias associados a cada registro.

O segundo encontro aprofundou a reflexão sobre a importância das memórias na construção da identidade individual e coletiva. As crianças compartilharam experiências significativas vividas no abrigo e, a partir dessas narrativas, produziram obras artísticas em colagem, que foram posteriormente socializadas. Nesse momento, retomaram-se as técnicas fotográficas, ampliando o uso de recursos do celular para aprimoramento das imagens, além da realização de retratos individuais, posteriormente impressos e entregues aos participantes como parte do acervo pessoal de memórias.



Figura 1 e 2 – Fotos tiradas pelas crianças no momento da oficina de fotografia.

Fonte: Acervo da extensão.



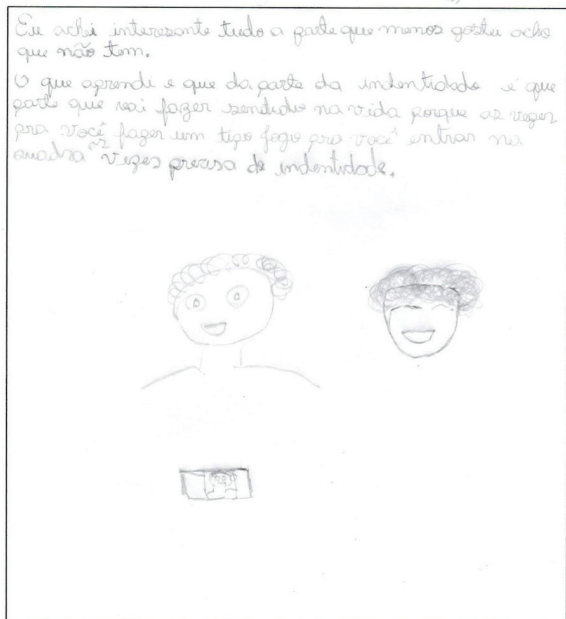
Figura 3 – parecer descritivo de uma avaliação de criança do abrigo.
Fonte: Acervo da extensão.

No terceiro encontro, buscou-se consolidar os aprendizados anteriores, reforçando a relação entre memória, identidade e convivência coletiva. Atividades musicais e corporais evidenciaram a importância do outro na construção das experiências e das lembranças compartilhadas. O encerramento da oficina envolveu registros avaliativos por meio de desenhos e textos, a entrega dos livros de memória e fotografias produzidas, além de um momento de confraternização, marcado pelo reconhecimento da experiência vivida e pelo fortalecimento dos vínculos estabelecidos.

A avaliação ocorreu de forma contínua, considerando o nível de participação, engajamento e conforto das crianças ao expressarem sentimentos e opiniões, bem como a empatia demonstrada nas interações. O público participante foi composto por crianças e adolescentes a partir de cinco anos de idade, em situação de acolhimento temporário, com demandas socioemocionais específicas. As atividades lúdicas e expressivas mostraram-se fundamentais para a promoção da autoestima, da criatividade e da construção de memórias significativas, respeitando a diversidade de idades, interesses e trajetórias presentes no grupo.

ESCREVA OU DESENHE O QUE VOCÊ ACHOU DA OFICINA DE FOTOGRAFIA, MOSTRANDO O QUE ACHOU INTERESSANTE E O QUE PODERIA MELHORAR.

Jean Piore



ESCREVA OU DESENHE O QUE VOCÊ ACHOU DA OFICINA DE FOTOGRAFIA, MOSTRANDO O QUE ACHOU INTERESSANTE E O QUE PODERIA MELHORAR.

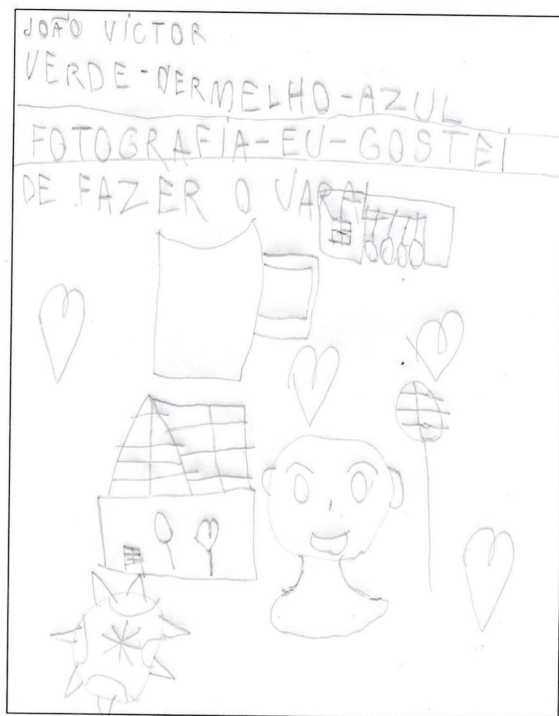


Figura 4 e 5– Registro da avaliação da oficina pelas crianças.

Fonte: Acervo da extensão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto de extensão chegou ao seu objetivo central, de mobilizar memórias e fortalecer identidade por meio

da escuta ativa e da produção visual, enfrentando o estado de silenciamento e invisibilidade social inerente à situação de acolhimento. Para favorecer as crianças e adolescentes a oportunidade de saber de si, dando a si mesmo o direito de memória. O direito de contar quem são, suas dores, alegrias e se posicionar no mundo que também é seu.

Foi possível observar e registrar, por meio de imagens, o impacto que a oficina de fotografia em cada um, dando a certeza a cada um de que tem espaço de escuta, escuta sem censura, onde os “não ditos” puderam ser ouvidos e ressignificados por todos, dando-lhes a potência de recriar um mundo que caiba às suas vivência e necessidades.

Diante desse cenário, a maioria das ações desenvolvidas no projeto de extensão foram conduzidas a partir da análise, das sugestões ou da aprovação prévia da direção da Casa da Criança Renascer, o que garantiu maior alinhamento entre as propostas acadêmicas e as necessidades reais da instituição. Essa participação ativa da gestão fortaleceu a confiabilidade do processo, assegurando que cada etapa fosse executada de forma adequada ao contexto local e contribuísse efetivamente para os objetivos educacionais e sociais do projeto.

Além disso, o projeto de extensão desenvolvido na Casa da Criança Renascer contribuiu para fortalecer a formação, a memória e a identidade das crianças e adolescentes participantes. As atividades realizadas proporcionaram espaços de expressão e reflexão que favoreceram o reconhecimento de suas experiências e histórias de vida, reforçando seu senso de pertencimento e valorização individual e coletiva.

Portanto, a ação também permitiu que a instituição passasse a perceber a Universidade Federal do Sul da Bahia

como uma parceira comprometida com o bem-estar social das crianças e adolescentes do município. A aproximação entre as equipes consolidou vínculos de colaboração, demonstrando que a parceria pode gerar benefícios concretos para o fortalecimento das ações de cuidado e desenvolvimento oferecidas pela Casa da Criança Renascer.

INDICADORES DE SUCESSO

Avaliação qualitativa realizada com as crianças e adolescentes da instituição:

O projeto de extensão realizado com as crianças e adolescentes da Casa da Criança Renascer passou por uma avaliação participativa envolvendo as 12 crianças inscritas no abrigo. Para garantir que todas pudessem expressar suas percepções, a metodologia foi adaptada conforme a faixa etária: as crianças menores, que ainda não escreviam, registraram suas opiniões por meio de desenhos, enquanto as crianças maiores responderam de forma escrita às perguntas propostas. Essa estratégia permitiu compreender como se sentiram durante os encontros e como avaliaram as atividades desenvolvidas ao longo do projeto.

Além disso, as respostas mostraram que os participantes assimilaram com clareza os conceitos de memória e identidade, tema central das atividades. As crianças relacionaram a memória a lembranças importantes e experiências mar-

cantes, enquanto identidade foi compreendida como aquilo que torna cada pessoa única, incluindo características pessoais, gostos, comportamentos e laços afetivos.

De maneira geral, as avaliações revelaram um alto nível de satisfação. Entre os pontos positivos mais citados estiveram as atividades lúdicas, o espaço de diálogo e escuta, a convivência com colegas e a relação acolhedora com os facilitadores. Os desenhos das crianças menores reforçam esse sentimento, como pode ser visto abaixo:

Portanto, este indicador de sucesso do projeto foi medido pelo engajamento e pela compreensão das temáticas discutidas pelas crianças e adolescentes. As avaliações mostraram que o projeto alcançou seus objetivos ao promover experiências educativas significativas, desenvolver reflexões sobre memória e identidade e fortalecer vínculos afetivos e sociais entre os participantes. Dessa forma, a participação ativa de todas as crianças e adolescentes demonstra que elas se sentiram parte do processo, reforçando a eficácia e a relevância da proposta extensionista.



Figura 6 – Avaliação do encontro por uma criança.

Fonte: Acervo da extensão.

Avaliação qualitativa realizada com a coordenadora, assistente social e psicóloga do abrigo:

Outro indicador que reforçou a relevância do projeto em questão, foram as avaliações da coordenadora que indicou a importância do projeto para a reflexão das crianças

quanto ao tema identidade e memória por meio da fotografia. Elizete ainda ressaltou que mesmo com as diferenças etárias entre as crianças para o desenvolvimento da oficina de fotografia houve o “fortalecimento da autoestima e expressão identitária das crianças” e que houve a aproximação entre a Universidade e a comunidade. A assistente social do abrigo, em sua avaliação, acrescentou que houve limitação na execução das atividades devido a pouca idade de algumas crianças entre 1 e 5 anos, no entanto, ela ressaltou que o grupo “conseguiu interagir com eles (as crianças) de forma espontânea e acolhedora fazendo com que todos participassem”.

A psicóloga da Casa da Criança Renascer, afirmou que “o projeto mostrou-se de grande relevância, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimentos das potencialidades dos acolhidos, especialmente no que diz respeito à memória e à construção da identidade”. Diante desses relatos e das experiências colhidas na execução das atividades desse projeto, foi possível perceber que a maior mudança ocorrida entre todos, foi com nós mesmos da universidade. Isso se deve aos vários momentos que fomos surpreendidos com as falas e interesses das crianças e adolescentes pela temática desenvolvida sobre identidade e memória, bem como com a aproximação afetuosa dos acolhidos com todos nós do projeto.

Nesse sentido, foi possível compreender o quanto é importante para a comunidade e para a universidade compreender essa relação onde a extensão universitária é um espaço de integração da universidade com a sociedade, onde o conhecimento pode ser produzido na dialogicidade, inde-

pendente do espaço, e que os saberes da comunidade devem ser valorizados e integrados aos conhecimentos científicos, objetivando a transformação social.

Dessa forma, esse projeto trouxe como mais esse aprendizado, entre os já mencionados, o de que precisamos primeiramente mergulhar nos sonhos e necessidades das comunidades para depois pensar juntos o que fazer, e não ao contrário. E foi exatamente isso que foi possível fazer com esse projeto, com trocas transformadoras entre os interesses dos estudantes e com a comunidade da Casa da Criança Renascer.

CONCLUSÃO

Diante do contexto de vulnerabilidade social e da recorrente negação de direitos enfrentada por crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, torna-se socialmente relevante promover experiências que favoreçam o reconhecimento de si, o fortalecimento identitário e a produção de sentidos sobre a própria trajetória de vida. A invisibilidade e o silenciamento que marcam essas infâncias demandam atenção dos espaços acadêmicos e sociais, sobretudo no que se refere às memórias e vivências que atravessem esses sujeitos.

Nesse sentido, o projeto *Memória e Identidade de Crianças e Adolescentes da Casa da Criança Renascer* buscou mobilizar memórias e pertencimentos identitários por meio de oficinas de escuta, socialização e fotografia, pro-

movendo espaços de expressão sensível e visibilidade social. As atividades possibilitaram que crianças e adolescentes se reconhecessem enquanto sujeitos históricos, produtores de narrativas e significados sobre suas próprias experiências.

A fotografia foi adotada como estratégia central por seu potencial simbólico, afetivo e identitário, permitindo que os participantes registrassem olhares, afetos e fragmentos de suas histórias. Conforme Pollak (1989), a memória se constrói a partir das relações e dos grupos de pertencimento, e, nesse contexto, como mostra Barros (2023), em um ensaio visual etnográfico feito no II Encontro Estadual Quilombola na comunidade do Pratigi, as imagens produzidas funcionaram como testemunhos visuais que romperam com o esquecimento social frequentemente associado à institucionalização.

Como principal contribuição, o projeto resultou na produção de registros documentais, como livros de memória e um documentário, que transformaram experiências individuais em patrimônio coletivo da instituição. Para a Casa da Criança Renascer, a constituição de um acervo permanente representa um avanço na valorização das histórias dos acolhidos, além de suscitar reflexões e incentivar ações voltadas à formulação de políticas públicas sensíveis às necessidades dessas crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

BARROS, Fábio Júnior da Luz. Olhares nativos: etnografando o II Encontro Quilombola em Pratigi-

BA. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 10, n. 19, p. 1–12, 2023.

REPOSITÓRIO FGV DE PERIÓDICOS E REVISTAS. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 6 jan. 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/issue/view/306> . Acesso em: 12 de outubro de 2025.

REPOSITÓRIO FGV DE PERIÓDICOS E REVISTAS. Memória e Família. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 6 jan. 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/issue/view/306> . Acesso em: 12 de outubro de 2025.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio De Janeiro (Rj): Dp & A, 2006.

ABOUT US. Disponível em: <https://share.google/Soc5rFAanuPWuxcea>. Acesso em: 12 out. 2025.

Dúvidas. Disponível em: <https://share.google/UlOXgWtkIOdpXEdFt>. Acesso em: 12 out. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

MEMÓRIAS DO QUILOMBO HELVÉCIA

*Bianca Maria Ribeiro Cavalcante
Camilly de Souza Ferreira
Clarice Tercilia Barnabe
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Jamile Souza Justino
Lara Brito dos Santos
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Maria Delcídes Loiola Carneiro
Rosemarcia Assiss de Souza
Yolanda Teixeira de Azevedo*

INTRODUÇÃO

Historicamente, os quilombos surgiram como forma de protestar as condições inumanas nas quais os negros se encontravam onde existia o escravismo moderno. Formados por pessoas escravizadas que fugiam dos engenhos e fazendas, esses territórios se consolidaram como locais de autonomia, preservação cultural e reorganização comunitária. Além de funcionarem como refúgios físicos, tornaram-se símbolos de luta e de reconstrução das práticas e tradições africanas no Brasil. (Moura, 2021, p. 23-47).

Essas comunidades preservam práticas ancestrais, saberes tradicionais e modos de vida coletivos, mesmo en-

frentando desafios contemporâneos relacionados ao reconhecimento de seus direitos, acesso a políticas públicas e valorização social. Com o passar do tempo e após a abolição, muitos desses territórios se transformaram nos atuais quilombos remanescentes, comunidades que mantêm vínculos históricos, culturais e territoriais com seus antepassados. (Cese, 2024).

O Quilombo Helvécia, localizado no extremo sul da Bahia, nas proximidades do distrito de Nova Viçosa, possui identidades culturais e memórias ancestrais fundamentais para a diversidade e história do Brasil. Entretanto, esses saberes sofrem com a invisibilidade, tornando necessário promover sua preservação e valorização por meio de ações conscientes. (Barbosa, 2025).

Nesse sentido, é importante compreender os aportes teóricos que envolvem os conceitos de memória e identidade, uma vez que ambos sustentam o propósito deste projeto. A memória, entendida como o conjunto de narrativas, símbolos e experiências compartilhadas, possibilita que um grupo reconheça sua trajetória e fortaleça sua continuidade histórica. Já a identidade, construída a partir dessas memórias, reforça o sentimento de pertencimento e revela a importância das práticas culturais na afirmação coletiva dos quilombolas. Assim, memória e identidade se entrelaçam na formação social do Quilombo Helvécia, contribuindo para a resistência e valorização de sua história.

Sob essa perspectiva, o presente projeto propõe a produção de um documentário, com a intenção de fortalecer a autoestima coletiva por meio do orgulho de pertencimento e promovendo a visibilidade social do quilombo. Junto a isso, proporcionar uma vivência formativa aos estudantes e

aproximar todo o público do contato com a riqueza da cultura afrodescendente e sua importância no reconhecimento da memória coletiva e da identidade cultural brasileira.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta ação extensionista baseou-se em práticas participativas, envolvendo visita de campo, observação direta, entrevistas com moradores e lideranças locais, além de registros audiovisuais para compor o documentário. Todo o processo buscou valorizar os saberes tradicionais da comunidade, respeitando sua autonomia e promovendo um diálogo horizontal entre estudantes e moradores, fortalecendo a troca de conhecimentos.

Esta iniciativa tem como motivação o componente curricular “CCEX - Memórias e Identidades Culturais em Práticas de Extensão Universitária” da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), cujo propósito é desenvolver ações extensionistas que articulem ensino e práticas comunitárias, com enfoque na reflexão crítica sobre as dimensões subjetivas da exclusão social e na valorização das memórias e identidades culturais de grupos historicamente marginalizados e em situação de vulnerabilidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Memória e Identidade Cultural

A memória constitui elemento central na construção das experiências individuais e coletivas, organizando sen-

tidos, selecionando vivências e orientando pertencimentos sociais. Para Candau (2019), a memória se estrutura em três dimensões: pró-memória, relacionada às aprendizagens corporais e experiências partilhadas; memória propriamente dita, associada aos processos de recordação e esquecimento; e metamemória, entendida como a representação que o sujeito constrói sobre sua própria capacidade de lembrar. Nesse sentido, a memória não é um repositório estático de informações, mas um processo contínuo de interpretação e reorganização das experiências.

A memória individual e coletiva opera de forma interdependente. Conforme Tosi (2010), a memória pessoal exerce funções de armazenamento de conhecimentos, construção identitária e mediação afetiva, enquanto a memória coletiva atua de maneira semelhante, porém voltada aos grupos sociais. Halbwachs (1990) reforça essa perspectiva ao afirmar que toda lembrança é mediada por “quadros sociais”, sendo atravessada por referências simbólicas e culturais do grupo ao qual o indivíduo pertence. Mas observa-se que todas as memórias individuais são frutos de uma coletividade.

Assim, a memória assume papel de resistência e preservação cultural, especialmente entre grupos vulnerabilizados. Gautério e Albernaz (2022) destacam que a perda de referenciais sociais compartilhados compromete a capacidade de rememoração e gera descontinuidades identitárias. As práticas coletivas de memória — narrativas, rituais, celebrações e tradições — tornam-se, portanto, fundamentais para a coesão social e a continuidade histórica.

A identidade cultural, por sua vez, relaciona-se diretamente às dinâmicas da memória. Stuart Hall (2006) com-

preende a identidade como uma construção histórica, múltipla e em constante transformação, marcada por disputas simbólicas e contextos culturais. Assim, memória, pertencimento e identidade operam de forma dinâmica, produzindo sentidos sobre quem são os sujeitos, de onde vêm e como se reconhecem no mundo.

Cultura Afrodescendente e Patrimônio Imaterial

A cultura afrodescendente constitui dimensão fundamental da formação histórica, simbólica e social do Brasil, manifestando-se em práticas, saberes, religiosidades, artes e modos de vida que compõem o patrimônio cultural imaterial. Apesar dos processos históricos de opressão, como a escravidão e o racismo estrutural, essas culturas resistiram e preservaram memórias, identidades e formas de existência que estruturam a sociedade brasileira (Instituto Adus, 2025).

Conforme Cunha e Scorsolini-Comin (2019), a cultura brasileira caracteriza-se por um hibridismo marcado pela interação entre matrizes africanas, indígenas e europeias. Gaia *et al.* (2021) ressaltam que, embora centrais na constituição do país, as culturas africanas e afro-brasileiras permanecem frequentemente marginalizadas nos espaços acadêmicos e institucionais, o que reforça a necessidade de valorização e legitimação desses saberes.

A ancestralidade desempenha papel estruturante nesse processo, funcionando como princípio ético e existencial

que orienta práticas, relações sociais e visões de mundo. Para Nascimento (2024), a valorização dos ancestrais fortalece a memória coletiva, assegura continuidade histórica e promove pertencimento, sendo fundamental para a resistência e a afirmação identitária afrodescendente.

O patrimônio imaterial, conforme Lacerda (2021), materializa essas tradições por meio de saberes, celebrações, expressões artísticas e práticas transmitidas sobretudo pela oralidade e pela convivência. Contudo, tais manifestações enfrentam desafios impostos pelo racismo estrutural e pela invisibilidade política. Lima (2025) aponta que a sub-representação negra nos espaços de poder perpetua desigualdades e fragiliza o reconhecimento cultural, tornando essenciais políticas afirmativas e ações educativas voltadas à justiça social.

Comunidades Quilombolas: território, ancestralidade e resistência

Os quilombos configuram-se como territórios históricos de resistência cultural, política e social. Originados no período colonial como espaços de enfrentamento à escravidão, tornaram-se, ao longo do tempo, locais de preservação da memória, da ancestralidade e da identidade afrodescendente (Trinidade & Pinho, 2022; Fundação Cultural Palmares, s.d.).

Nessas comunidades, o conhecimento é transmitido predominantemente pela oralidade, especialmente pelos mais velhos, que ocupam papel central na preservação das

tradições e da memória coletiva (Pereira, 2017). Conforme Ferreira *et al.* (2025), quilombos e comunidades indígenas constituem territórios de resistência, enfrentando processos de apagamento cultural, negação territorial e marginalização histórica.

A territorialidade quilombola assume dimensão material e simbólica, pois o território representa não apenas a terra, mas também memória, espiritualidade e ancestralidade. A luta pelo território é, portanto, também a luta pela continuidade cultural e pelo direito à identidade. Dados do IBGE (2022) evidenciam a relevância dessas comunidades no Brasil, especialmente na Bahia, que concentra uma das maiores populações quilombolas do país.

Nesse contexto, destaca-se a comunidade quilombola de Helvécia, no município de Nova Viçosa (BA), cuja formação histórica resulta da permanência de pessoas negras libertas após o período escravocrata. Reconhecida oficialmente como Comunidade Remanescente Quilombola em 2005, Helvécia mantém uma identidade singular, marcada por influências afro-brasileiras e europeias, e segue enfrentando desafios territoriais e estruturais, reafirmando-se como espaço de resistência e preservação cultural (Santiago, 2023).

Produção Audiovisual, Extensão Universitária e Formação Cidadã

A produção audiovisual, especialmente por meio do documentário, configurou-se como ferramenta estratégica

no processo de preservação e valorização das memórias e identidades quilombolas. Ao registrar narrativas, práticas culturais e modos de vida da comunidade de Helvécia, o audiovisual transformou memórias individuais e coletivas em patrimônio simbólico acessível, contribuindo para o fortalecimento da autoestima comunitária e para o reconhecimento social de identidades historicamente invisibilizadas.

Inserida no âmbito da extensão universitária, essa produção possibilitou a articulação entre saberes acadêmicos e saberes populares, materializada em vivências no território, rodas de conversa, entrevistas e registros audiovisuais. Tal aproximação reafirmou o papel da universidade como espaço de diálogo e construção coletiva do conhecimento, rompendo com perspectivas unilaterais e promovendo uma relação ética baseada na escuta, no respeito e no protagonismo dos sujeitos envolvidos.

A dimensão ética assumiu centralidade ao longo de todo o processo, orientando a prática extensionista e a produção do documentário. Ao evitar romantizações, estigmatizações ou apropriações indevidas, o audiovisual consolidou-se como instrumento educativo e político, capaz de promover consciência crítica, sensibilidade social e valorização da diversidade cultural brasileira.

Nesse sentido, a experiência extensionista revelou-se formativa e emancipadora, ampliando a compreensão dos estudantes acerca da memória, da ancestralidade e da resistência como eixos estruturantes da identidade quilombola. Simultaneamente, o documentário constituiu-se como devolutiva concreta à comunidade, reafirmando sua centralidade na preservação da memória coletiva e evidenciando o

potencial transformador da extensão universitária na formação cidadã e no fortalecimento simbólico dos territórios tradicionais.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O projeto de extensão foi desenvolvido a partir de etapas articuladas e progressivas, envolvendo pesquisa, planejamento, execução das ações no território e devolutiva à comunidade, assegurando coerência metodológica e intencionalidade pedagógica em todo o processo. Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica voltada à fundamentação teórica da proposta, com ênfase nos conceitos de memória, identidade, ancestralidade e patrimônio imaterial. Esse aprofundamento teórico orientou a construção do olhar analítico que guiou as entrevistas, as filmagens e as interações com a comunidade quilombola de Helvécia.

Na etapa de planejamento, a equipe organizou um cronograma interno de atividades, definiu responsabilidades, estimou custos e elaborou um levantamento dos equipamentos necessários para a produção audiovisual. Paralelamente, foram discutidas as estratégias de operacionalização dos conceitos centrais do projeto no contexto empírico, optando-se por priorizar narrativas pessoais, experiências coletivas, práticas culturais e símbolos associados à ancestralidade quilombola, reconhecendo esses elementos como expressões legítimas da memória social e da identidade comunitária.

A construção do roteiro do documentário constituiu-se como etapa fundamental do processo. Elaborado a partir dos referenciais sobre memória social, identidade cultural e resistência histórica, o roteiro foi organizado em eixos temáticos e questões abertas, com o objetivo de estimular a emergência de lembranças significativas, histórias de vida, transformações sociais e percepções sobre pertencimento. Buscou-se garantir liberdade narrativa aos participantes, permitindo que suas falas expressassem, de forma autêntica, experiências, afetos e sentidos atribuídos à cultura e à ancestralidade.

O público participante foi composto por moradores da comunidade quilombola de Helvécia reconhecidos por sua relevância social e cultural na preservação da história local. Trata-se de um grupo marcado por forte identidade afro-descendente, cujos saberes, memórias e práticas culturais estão profundamente vinculados à trajetória de resistência da comunidade. Nesse contexto, os participantes foram compreendidos como agentes ativos da produção de memória, sendo suas narrativas valorizadas como registros vivos da identidade quilombola, historicamente invisibilizada em diferentes esferas sociais.

Após reuniões de alinhamento, as tarefas foram distribuídas entre os integrantes do projeto, envolvendo desde a organização logística e elaboração de documentos éticos, como os termos de autorização de uso de imagem, até a preparação do relatório e os ajustes finais do roteiro. Essa divisão favoreceu o trabalho coletivo e o comprometimento da equipe com todas as etapas da ação extensionista.

As entrevistas e filmagens ocorreram em espaços significativos da própria comunidade, como o salão comunitá-

rio, a praça e o museu local. A escolha desses locais esteve associada não apenas à viabilidade logística, mas, sobretudo, ao seu valor simbólico enquanto espaços de convivência, memória e expressão cultural. Durante as gravações, a memória coletiva manifestou-se tanto nas narrativas dos entrevistados quanto nas práticas culturais observadas, como apresentações de Maculelê, Bate Barriga e Capoeira. Essas expressões, enquanto marcadores identitários, evidenciaram como a identidade quilombola é construída, vivenciada e transmitida entre gerações.

Após o trabalho de campo, deu-se início ao processo de edição e finalização do documentário, buscando articular imagens, falas e sons de modo a evidenciar as relações entre memória, identidade e resistência. Em seguida, foi realizado um encontro de encerramento com a comunidade, estruturado a partir da exibição do documentário, de uma roda de conversa e de um momento de confraternização coletiva. Essa devolutiva possibilitou que os participantes se reconhecessem nas narrativas apresentadas, reafirmando sentimentos de pertencimento, orgulho e valorização de sua história.

A realização das atividades no próprio território quilombola mostrou-se fundamental para o fortalecimento do vínculo entre o projeto e a comunidade, além de proporcionar conforto e reconhecimento aos participantes. O território, compreendido como espaço de memória e ancestralidade, assumiu papel central no desenvolvimento das ações extensionistas, permitindo compreender como a memória e a identidade se materializam nos espaços, nas práticas culturais e nos discursos que constituem o cotidiano da comunidade de Helvécia.

RESULTADOS E ANÁLISE

As ações realizadas no Quilombo Helvécia possibilitaram a identificação de efeitos significativos tanto para a comunidade quanto para os estudantes envolvidos. A produção do documentário viabilizou o registro de experiências, relatos e manifestações culturais que dificilmente seriam acessados fora do contato direto com o território. A escuta das narrativas dos moradores revela aspectos profundos sobre pertencimento, trajetórias familiares, práticas simbólicas e modos de organização social, permitindo compreender como a coletividade constrói e atualiza seus referenciais identitários ao longo do tempo. Os depoimentos recolhidos mostraram que os moradores atribuem grande importância à transmissão dos conhecimentos herdados dos mais antigos, evidenciando que as práticas culturais funcionam como eixo estruturante das relações sociais internas. O processo de gravação também revelou a potência educativa do audiovisual. Ao registrar performances corporais, danças e interações cotidianas, tornou-se perceptível que cada gesto e expressão contém significados que ultrapassam a dimensão estética. Esse conjunto de vivências demonstra que a cultura local permanece em constante reinvenção. Assim, o documentário não apenas preservou práticas tradicionais, mas também evidenciou as transformações em curso, oferecendo uma visão dinâmica das formas de vida quilombola.

Do ponto de vista dos estudantes, a participação nas etapas do projeto produziu aprendizagens que dificilmente seriam alcançadas exclusivamente em sala de aula. O conta-

to direto com a comunidade proporcionou uma compreensão mais sensível sobre resistência histórica e processos de invisibilização. A convivência com os moradores favoreceu a construção de um olhar mais crítico sobre o papel das universidades e sobre a necessidade de considerar os saberes locais como fonte legítima de conhecimento. Esse movimento confirmou o potencial da extensão como espaço de formação ética, política e humana. A devolutiva realizada no museu de Helvécia foi um dos momentos de maior impacto observado. A exibição do documentário gerou emoção, reconhecimento e diálogo. Os comentários feitos pelos participantes indicaram que a obra audiovisual reforçou o sentimento de valorização coletiva, permitindo que se vissem representados de maneira digna e respeitosa. A iniciativa contribuiu para ampliar a visibilidade das práticas culturais e reafirmou a importância de iniciativas que reconheçam a diversidade de expressões existentes no território brasileiro.

Ao relacionar esses resultados com a literatura trabalhada, nota-se que as vivências do projeto confirmam as concepções de memória, identidade e ancestralidade como elementos dinâmicos e fundamentais para a constituição de grupos sociais. As observações feitas em campo reforçam as discussões sobre patrimônio imaterial, especialmente no que diz respeito ao papel da oralidade, dos rituais, das tradições e dos modos de viver na formação de coletividades. Também dialogam com autores que ressaltam a relevância das práticas extensionistas na promoção da cidadania, uma vez que ampliam a participação social e fortalecem o diálogo entre universidade e comunidade.

Dessa forma, os resultados demonstram que o trabalho desenvolvido ultrapassou a simples construção de um

produto audiovisual. Ele contribuiu para o reconhecimento das memórias locais, para a valorização das expressões culturais afrodescendentes e para o aprofundamento da formação crítica dos estudantes envolvidos. O projeto reafirmou a necessidade de promover ações que estimulem o respeito às diferenças, ampliem a visibilidade de grupos historicamente silenciados e fortaleçam processos identitários fundamentais para a construção de uma sociedade plural e democrática.

INDICADORES DE SUCESSO

A realização das filmagens coincidiu com um evento cultural de capoeira na comunidade, possibilitando registros de apresentação autênticas e ricas, além de ampliar a participação da comunidade. Estiveram presentes no documentário figuras importantes para a cultura, memória e identidade local, como mestres de dança, ativistas políticos e moradores antigos do quilombo, cuja contribuição reforçou a relevância sociocultural do projeto de extensão. A presença expressiva do público favoreceu a produção de imagens diversas, e todas as apresentações culturais presentes no documentário foram gravadas integralmente no dia das gravações das entrevistas, nesse sentido, todo o material que constitui o documentário foi produzido originalmente pela equipe extensionista. A comunidade foi receptiva ao permitir acesso no interior do museu, autorizar a filmagem no local e das atividades culturais, além de mostrarem-se

interessados em compartilhar sobre suas memórias e identidade local.

Durante e após a apresentação do documentário foi observado o fortalecimento da autoestima local e do senso de pertencimento dos indivíduos pertencentes ao Quilombo de Helvécia, evidenciados por suas falas, observações sobre as filmagens e reconhecimento dos participantes acerca da importância de registrar e documentar as memórias e identidades pertencentes ao local. O registro audiovisual contribuiu para a preservação da memória ancestral e para a transmissão intergeracional do patrimônio imaterial da comunidade. Além disso, o feedback da comunidade foi altamente positivo, demonstrado por comentários e pedidos de disponibilização do documentário, reforçando sua relevância social para o Quilombo.

A ação promove o protagonismo de identidades importantes da comunidade, como os mestres de danças, professores enquanto guardiões da memória ancestral quilombola e pessoas ativas politicamente, valorizando suas narrativas e experiência como elementos essenciais para a formação da identidade local. Com a disponibilização do documentário, amplia-se a visibilidade do patrimônio histórico-cultural de helvécia, consolidado o impacto social da atividade extensionista e sua contribuição para a continuidade e preservação da memória e identidade coletiva

CONCLUSÃO

O projeto desenvolvido no Quilombo Helvécia evidenciou a extensão universitária como espaço privilegiado de

articulação entre saberes acadêmicos e comunitários, promovendo trocas que valorizam a diversidade cultural e fortalecem identidades coletivas. A produção do documentário ultrapassou o mero registro cultural, configurando-se como instrumento de preservação e atualização da memória quilombola, ao revelar tradições, processos de resistência histórica e formas contemporâneas de reinvenção cultural.

A ação extensionista gerou impactos significativos tanto para a comunidade quanto para os estudantes, ao fortalecer o sentimento de pertencimento e reconhecimento coletivo e proporcionar aprendizagens éticas, políticas e humanas que extrapolam a formação em sala de aula. A devolutiva realizada no museu local reafirmou o caráter coletivo do projeto, promovendo diálogo, emoção e valorização das práticas culturais afrodescendentes.

Apesar dos resultados positivos, identificaram-se limitações relacionadas ao tempo reduzido de convivência com a comunidade e à necessidade de maior aprofundamento metodológico para contemplar a diversidade de experiências locais. Esses aspectos apontam para a importância de ações futuras mais contínuas e com maior inserção territorial. De modo geral, os aprendizados reforçam a extensão como espaço de construção de conhecimento crítico e fortalecimento da cidadania, evidenciando que as práticas culturais são dinâmicas, preservam memórias e se reinventam no cotidiano social. Como desdobramentos, sugere-se ampliar a periodicidade das ações, produzir novos materiais audiovisuais e fortalecer processos formativos conjuntos entre universidade e comunidade, reafirmando o compromisso com a valorização da diversidade cultural brasileira.

REFERÊNCIAS

ADUS – INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DO REFUGIADO. A cultura africana e afrodescendente no Brasil: resistência, identidade e herança. **Adus.org.br**, 2025. Disponível em: https://adus.org.br/a-cultura-africana-e-afrodescendente-no-brasil-resistencia-identidade-e-heranca/?utm_source. Acesso em: 26 nov. 2025.

BACELAR, Jonildo. Helvécia Antigo Distrito de Colônia Leopoldina Primeira Colônia Alemã do Brasil. **Bahia Turismo**, [s.d.]. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/sul/nova-vicosa/helvecia.htm>. Acesso em: 26 nov. 2025.

BARBOSA, Juliana Santos. **A comunidade quilombola de Helvécia: história, memória e os desafios da educação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia. Teixeira de Freitas, 2025. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/server/api/core/bitstreams/61dd1cba-3e65-4ffb-852f-fea60e95c25a/content>. Acesso em: 26 nov. 2025.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Traduzido por: Maria Leticia M. Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

CESE – COORDENAÇÃO ECUMÊNICA DE SERVIÇO. Quilombolas: história, direitos e desafios. **CESE**, [s. d.]. Disponível em: <https://cese.org.br/blog/quilombolas-historia-direitos-e-desafios/#:~:text=No%20>

entanto%2C%20os%20quilombolas%20ainda%20enfrentam%20in%C3%BAmeros,comunidades%20possam%20viver%20com%20dignidade%20e%20seguran%C3%A7a. Acesso em: 26 nov. 2025.

FERREIRA, Joelson Miranda et al. TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA: identidade e cultura em comunidades quilombolas e indígenas. **ARACÊ**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 4127-4140, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/3058>. Acesso em: 26 nov. 2025.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; VITÓRIA, Alice da Silva; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Contribuições das religiões de matriz africana para a etnopsicologia brasileira. **Sociais & Humanas**, [S.l.], v. 34, n. 1, 2021. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/43e9/179f15b6401bcaaaf5e4e7a243775986929f.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2025.

GAUTÉRIO, Nicolli Bueno; ALBERNAZ, Renata Ovenhausen. A memória coletiva para Jöel Candaue Maurice Halbwachs: coesão dos grupos sociais em um mesmo espaço. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v.18, nº1, p. 86-96, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/66384/41718>. Acesso em: 26 nov. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

IBGE. Os quilombolas no Censo 2022. **Educa IBGE: Nosso Povo**, Brasil, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge>.

gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/22325-os-quilombolas-no-censo-2022.html. Acesso em: 26 nov. 2025.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LACERDA, Cacilda Maria Mendes. **Patrimônio imaterial, cultura intangível: receitas culinárias, sabores e saberes, expressão heredo familiar**. Monografia (Bacharelado em Museologia) - Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2021. Disponível em: https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/7500/6/MONOGRAFIA_Patrim%C3%B4nioImaterialCultura.pdf. Acesso em: 26 nov. 2025

LIMA, Matheus Cunha. **A invisibilidade negra na política nacional: desafios e perspectivas para a representatividade étnico-racial no Congresso brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados-MS, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/6578/1/MatheusCunhaLima.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2025.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 5. ed. Teresina: Editora da Universidade Estadual do Piauí – EdUESPI, 2021. E-book. ISBN 978-65-88108-22-2. Disponível em: https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/download/55/45/283-1?inline=1&utm_source. Acesso em: 26 nov. 2025.

NASCIMENTO, Alex Sandro M. O Papel dos Ancestrais nas Religiões de Matriz Africana. **Revista Unitas**, [S. l.], v. 1, n. 12, 2024. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/2781/2591>. Acesso em: 26 nov. 2025.

PEREIRA, Luciana de Araújo. **Nas trilhas de uma comunidade quilombola**: Tradição, oralidade, memória coletiva e identidade. Dissertação de Pós-graduação (Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2017. Disponível em: <https://graosdeluzegrio.org.br/files/2017/10/DISSERTA%C3%87%C3%83O-LUCIANA-DE-ARA%C3%9AJO-PEREIRA.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SANTIAGO, Maria José Almeida. **Os Brutos: funk e cultura quilombola em Helvécia**. Dissertação de Pós-Graduação (Ensino e Relações Étnico-Raciais) – Universidade Federal do Sul da Bahia. Teixeira de Freitas, 2023. Disponível em: file:///D:/Users/user/Downloads/MEMORIAL_FINAL_DO_DOCUMENTÁRIO_-_1710f.pdf. Acesso em: 26 nov. 2025.

TRINDADE, Josiney da Silva; PINHO, Vilma Aparecida. Dos quilombos aos quilombos de conhecimentos: espaços de resistência do negro. **Periódico Horizontes**, Itatiba, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1311/660>. Acesso em: 26 nov. 2025.

**MEMÓRIAS QUE CONSTROEM
IDENTIDADES: AS VOZES DOS IDOSOS
DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA
DO IDOSO DE ITAMARAJU/BA
CONVERTIDAS EM MATERIAL EDUCATIVO
INTERGERACIONAL**

*Fabio Junior da Luz Barros
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Guilherme de Almeida Melo
Guilherme Santos Pereira
Gustavo de Sousa Serapião
João Edson Nascimento de Souza
Lorena Ribeiro Agostinho
Raiane Pires Nicasse*

INTRODUÇÃO

A memória é um dos pilares para a construção da identidade individual e coletiva de um povo. Em Itamaraju/BA, município situado no extremo sul baiano, e que possui apenas 59.605 habitantes (IBGE, 2022), esse patrimônio imaterial encontra forte expressão nas vivências das pessoas idosas atendidas pelo Centro de Convivência do Idoso (CCI), espaço que reúne sujeitos, em maior parte com idade superior a sessenta anos, que são historicamente responsáveis

por preservar tradições, práticas culturais, modos de vida e narrativas que ajudam a compreender a formação social da comunidade itamarajuense. No entanto, apesar de sua relevância, essa parcela populacional enfrenta processos de invisibilidade, marginalização simbólica e exclusão social cotidianamente, que resultam na desvalorização de seus saberes, experiências, e conseqüentemente afetam a preservação da memória local.

Diante desse cenário, o presente projeto de extensão tem como finalidade promover o registro e a valorização das memórias dos idosos de Itamaraju como uma forma de resgate, reconhecendo estes como uma guardiões legítimos da história local e principais desempenhadores dos papéis de transmissores intergeracionais de histórias, vivências e conhecimentos. A iniciativa do projeto nasce da necessidade de aproximar os estudantes, as pessoas idosas que frequentam o CCI e a comunidade por meio de práticas dialógicas e criativas que permitam promover visibilidade às narrativas que, apesar de fundamentais, muito raramente são documentadas.

A justificativa do presente projeto fundamenta-se na grande importância de preservar as memórias das pessoas idosas do município de Itamaraju, garantindo que as novas gerações tenham acesso a algumas de suas histórias e vivências, que moldaram a identidade regional.

Os objetivos da ação de extensão incluem: a realização de rodas de conversa com os idosos do CCI para coleta de relatos orais/depoimentos; o registro dessas narrativas de forma acessível e as transformando em histórias em quadrinhos destinadas ao público infantil com a promoção de

oficinas para a confecção dos livretos; e, por fim, divulgar o material educativo, seja qual, um livreto com os quadrinhos voltados ao público infantil, que preserve e difunda a memória dos idosos do Centro de Convivência do Idoso de Itamaraju.

Além das etapas já descritas, é importante destacar que a presente ação integra o projeto de extensão desenvolvido no âmbito do componente curricular Memórias e Identidades Culturais em Práticas de Extensão Universitária, o qual tem como eixo central a valorização da memória social como elemento constitutivo da identidade coletiva. Nesse sentido, o projeto foi concebido a partir de uma proposta extensionista que articula universidade e comunidade, promovendo a escuta, o diálogo e a produção de conhecimento a partir das vivências das pessoas idosas do Centro de Convivência de Idosos de Itamaraju/BA

No que se refere à metodologia, a ação de extensão foi desenvolvida a partir de uma abordagem predominantemente qualitativa, fundamentada na escuta ativa e no diálogo com as pessoas idosas atendidas pelo Centro de Convivência de Idosos de Itamaraju/BA. Como procedimentos metodológicos, foram realizadas rodas de conversa e entrevistas abertas para a coleta de relatos orais, respeitando a subjetividade, o tempo de fala e as experiências individuais dos participantes. As narrativas coletadas foram posteriormente organizadas, analisadas e adaptadas em contos e, em seguida, transformadas em histórias em quadrinhos, com finalidade educativa e intergeracional.

A relevância social da iniciativa proposta pelo projeto de extensão reside, sobretudo, no seu potencial de fortale-

cer a identidade local, promover o diálogo intergeracional, mesmo que indireto, e estimular a valorização, empatia e o respeito à pessoa idosa. Ao dar espaço às suas histórias, o projeto coopera para a democratização da memória, reafirma a importância da pessoa idosa como sujeito ativo na sociedade e oferece à comunidade um instrumento pedagógico e cultural de qualidade. Sendo assim, a ação extensionista torna-se um elo entre passado, presente e futuro, ampliando a compreensão sobre o papel da memória na formação da identidade social e cultural de Itamaraju.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

As atividades da ação de extensão iniciaram-se com o planejamento institucional e a aproximação junto ao Centro de Convivência de Idosos (CCI) de Itamaraju/BA, por meio de reuniões presenciais e diálogo com a coordenação do espaço. Nesse momento, foram apresentados os objetivos e a metodologia do projeto, definidos os dias de visita e estabelecidas as bases de uma relação de confiança, fundamental para garantir o acolhimento dos idosos e a fluidez das atividades. Essa etapa preparatória também contribuiu para organizar o ambiente e alinhar expectativas entre universidade e comunidade, criando condições favoráveis para o desenvolvimento da ação extensionista.

Na sequência, foram realizadas rodas de conversa e entrevistas fundamentadas na metodologia da escuta ativa, convidando os idosos a compartilhar memórias de infância,

tradições locais, experiências de vida e narrativas que considerassem significativas. As falas foram registradas por meio de gravações de áudio, sempre com autorização e respeito ao ritmo, às emoções e à singularidade de cada participante. Após a coleta, o material passou por um processo cuidadoso de organização e análise, no qual as narrativas foram selecionadas considerando sua relevância cultural, potencial educativo e viabilidade de adaptação ao formato proposto, especialmente voltado ao público infantil.

Na etapa seguinte, os relatos escolhidos foram transformados em contos e, posteriormente, em histórias em quadrinhos, com o apoio de ferramentas de inteligência artificial, utilizadas de forma ética, supervisionada e curatorial pela equipe do projeto. Esse processo resultou na produção de quatro quadrinhos — *A Menina que Dormia Debaixo da Mesa*, *A Menina que Amava a Roça*, *A Chama do Natal* e *O Conto de Maria Rosa* — que abordam memórias de infância, vivências no interior de Itamaraju/BA, aspectos da cultura local e questões relacionadas aos papéis de gênero ao longo do tempo, apresentadas em linguagem acessível e lúdica.

Por fim, os materiais produzidos passaram a cumprir sua função extensionista ao promover a integração intergeracional, conectando as memórias das pessoas idosas ao universo infantil por meio da ressignificação narrativa e visual. A devolutiva ao CCI, com o envio dos exemplares dos quadrinhos, bem como a distribuição do material para uso pedagógico no ensino fundamental, concluiu o projeto, reafirmando o alcance de seus objetivos e o potencial da extensão universitária na valorização da memória, da cultura local e do diálogo entre gerações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que foram alcançados pela apresentação de extensão demonstram a efetividade da proposta inicialmente delineada, muito embora tenham surgido limitações relacionadas ao período de execução, especialmente em razão do final de ano e da disponibilidade do Centro de Convivência, razão pela qual somente foi possível realizar uma visita ao local, na qual os idosos foram entrevistados e convidados a compartilhar suas memórias, histórias de vida e vivências.

Os relatos coletados evidenciaram a riqueza da memória social presente nas narrativas das pessoas idosas, revelando costumes, tradições, modos de vida, percepções e até mesmo reflexões sobre tempo, luto, relações familiares, sentimento de pertencimento à zona rural, desigualdade de gênero, dentre outros assuntos. Essas histórias, ausentes dos registros formais, reforçam o papel dos idosos como sujeitos fundamentais na preservação da memória coletiva e na construção da identidade cultural local e como donos de sua própria narrativa.

Após a coleta, as narrativas foram adaptadas em formato de contos e, posteriormente, transformadas em histórias em quadrinhos com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial, as quais foram treinadas, ora manipuladas, pelo grupo encarregado pelo desenvolvimento do projeto. Esse processo possibilitou a criação de um material lúdico, acessível e pedagogicamente adequado ao público infantil, atendendo ao objetivo do projeto de converter as tais memórias

dos idosos do CCI em instrumentos educativos intergeracionais.

Do ponto de vista analítico, observa-se que os resultados obtidos estão diretamente alinhados aos objetivos da ação de extensão. A escuta das narrativas fortaleceu o reconhecimento social das pessoas idosas, enquanto a transformação dessas memórias em material educativo contribui para o elo intergeracional. Além disso, o entusiasmo e a receptividade demonstrados pelos idosos durante as atividades ao CCI indicam impactos positivos no fortalecimento da autoestima, do sentimento de pertencimento e da valorização de suas trajetórias, mostrando-se um projeto integrador.

INDICADORES DE SUCESSO

Os indicadores de sucesso da ação de extensão evidenciam resultados quantitativos e, sobretudo, qualitativos relevantes. Do ponto de vista quantitativo, destacam-se a realização da visita ao Centro de Convivência de Idosos, a participação dos idosos nas entrevistas, a coleta de relatos e a produção de quatro histórias em quadrinhos, selecionadas e adaptadas a partir das narrativas coletadas e prontas para distribuição. Qualitativamente, os idosos demonstraram elevado engajamento, entusiasmo e satisfação ao terem suas memórias valorizadas, expressando reconhecimento e desejo de devolutiva do projeto. Soma-se a isso o impacto social da iniciativa, evidenciado pelo fortalecimento do vínculo entre universidade e comunidade, pela valorização

da pessoa idosa como sujeito ativo de sua própria história e pela produção de material pedagógico com potencial educativo, indicando que o projeto atingiu seus objetivos extensionistas ao promover inclusão, diálogo intergeracional e preservação da memória.

CONCLUSÃO

A ação de extensão desenvolvida junto ao Centro de Convivência de Idosos (CCI) de Itamaraju/BA evidenciou a importância de iniciativas que valorizem a memória social como elemento central na construção da identidade cultural. Ao possibilitar que as pessoas idosas compartilhassem suas histórias e vivências, o projeto contribuiu para o reconhecimento desse grupo como detentor de saberes fundamentais para a compreensão da história local.

Entre as principais contribuições da ação, destacam-se o fortalecimento da autoestima dos idosos, a promoção da escuta sensível e do respeito às narrativas individuais, bem como a produção de um material educativo intergeracional que aproxima passado e presente de forma acessível às crianças. A transformação dos relatos e narrativas em histórias em quadrinhos demonstrou ser uma estratégia eficaz para preservar e difundir a memória, ampliando o alcance social do projeto e o elo entre gerações.

Como limitações, aponta-se o número reduzido de visitas ao Centro de Convivência, decorrente de questões de agenda do próprio CCI e do período de execução da ação.

Ainda assim, essa limitação não comprometeu os objetivos centrais do projeto, que foram plenamente alcançados com o esforço do grupo. Como aprendizado, destaca-se a relevância do planejamento flexível e da adaptação às realidades da comunidade atendida, as reflexões que foram obtidas pelo grupo a partir do contato e da relação com as pessoas idosas do CCI, além dos próprios desafios de gestão do projeto que contribuíram com a evolução dos acadêmicos diante de desafios na coletividade.

Por fim, como desdobramentos futuros, sugere-se a ampliação da ação, com novas visitas ao Centro de Convivência, a apresentação dos materiais produzidos aos idosos participantes como forma de devolutiva, bem como a expansão do projeto para outras instituições e escolas do município. Dessa forma, a iniciativa poderá continuar contribuindo para a valorização da memória, da identidade cultural e da inclusão social das pessoas idosas de Itamaraju.

MEMÓRIAS DOS BERADEIROS

Andressa Goncalves Silva
Ângela Maria Pastana Barreto
Brayan Conceição Ropeker
Claudia Ferreira Dos Santos
Emile Oliveira Dal-Bo
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Pâmela Reis Carvalho
Maria Caroline Oliveira Souza

INTRODUÇÃO

Ao percorrer rodovias federais e estaduais, especialmente a BR-101 e a BR-116, observou-se a presença de famílias que ocupam as faixas laterais de terra pertencentes ao domínio da União. Essas ocupações não se configuram como movimentos sociais organizados, mas como estratégias de sobrevivência diante da exclusão socioeconômica. A simples observação empírica permitiu identificar a profunda vulnerabilidade social dessa população, cujas moradias são, em sua maioria, construídas com pau-a-pique, lonas e tábuas de madeira, havendo poucos casos de casas em alvenaria. Muitas dessas famílias cultivam pequenos roçados para garantir ao menos uma refeição diária. Ressalta-se,

ainda, que grande parte dessas residências não possui acesso à energia elétrica nem à água encanada, configurando um quadro de risco social e extrema precarização das condições de vida.

Os moradores dessas áreas podem ser caracterizados como posseiros que passaram a ocupar faixas de terra situadas às margens das rodovias, seja pelo desbravamento manual da vegetação existente entre a cerca e o asfalto, a partir do acostamento, seja pela aquisição informal do “direito” de ocupação desses trechos. Costa e Martins (2020) denominam esses sujeitos de *beradeiros*, termo atribuído aos indivíduos e famílias que detêm a posse de áreas pertencentes ao domínio da União e sob responsabilidade do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), situadas às margens das rodovias brasileiras.

A realidade vivenciada por essas famílias extrapolou a dimensão estritamente econômica, inserindo-se em um processo mais amplo de exclusão estrutural. Conforme argumenta Maricato (2001), a negação do direito à cidade e os mecanismos de segregação socioespacial produzem territórios marcados pela ausência sistemática do Estado, impondo aos moradores uma rotina permanente de resistência e sobrevivência. Assim, a vulnerabilidade identificada não se mostrou fruto do acaso, mas resultado de processos históricos, políticos e sociais que perpetuam desigualdades.

Diante desse contexto, o projeto priorizou a valorização das memórias, histórias de vida, saberes, culturas e vivências desse grupo social, reconhecendo tais elementos como fundamentais para a afirmação da dignidade, da identidade e do pertencimento social. Conforme Halbwachs (2006), a

memória é construída coletivamente no interior das relações sociais, desempenhando papel central na constituição da identidade e do sentimento de pertencimento. O registro das histórias de vida, dos saberes tradicionais e das trajetórias de resistência dos beradeiros rompeu com a visão estigmatizante que os reduz à condição de marginalizados, reconhecendo-os como sujeitos históricos portadores de cultura e memória próprias. Tal processo ultrapassou a dimensão do passado, configurando-se como estratégia de fortalecimento da identidade coletiva, de reivindicação de direitos no presente e de construção de perspectivas para o futuro.

As memórias dessas famílias foram documentadas por meio da metodologia da história oral, utilizando entrevistas, registros fotográficos e audiovisuais. Nesse processo, os próprios moradores narraram suas histórias de vida, trajetórias de migração, motivações para a ocupação das áreas, saberes tradicionais — como práticas agrícolas e culinárias — e experiências de resistência. A divulgação dessas narrativas contribuiu para retirar esse grupo da invisibilidade social, possibilitando seu reconhecimento como sujeitos históricos cujas vivências possuem relevância social e cultural.

Ao terem suas histórias registradas e respeitadas, os beradeiros passaram a se reconhecer como parte integrante de uma coletividade dotada de valor simbólico e cultural, o que contribuiu para o fortalecimento da autoestima, da identidade cultural e do orgulho em relação à própria origem e trajetória de luta. Esse reconhecimento favoreceu a continuidade de práticas culturais e a preservação da memória coletiva, elementos que constituem a base simbólica do grupo.

O registro dessas narrativas configurou-se, ainda, como forma de enfrentamento à invisibilidade social institucionalizada. A crítica de Glauber Rocha, ao afirmar que “o subdesenvolvimento não se improvisa, mas se institucionaliza” (Rocha, 1965 *apud* Bernardo, 2017), mostrou-se pertinente para compreender como a marginalização desses grupos é historicamente mantida por estruturas políticas e sociais. Ao dar visibilidade às experiências dos beradeiros, o projeto tensionou essa lógica excludente e reafirmou o papel social da universidade.

A ação extensionista foi desenvolvida a partir de visitas às comunidades, com a realização de rodas de conversa, estratégia metodológica que dialoga com a concepção freireana de extensão universitária. Conforme Freire (1983), o conhecimento se constrói por meio do diálogo e da troca entre universidade e comunidade, não se restringindo à coleta de informações, mas constituindo-se como prática formativa, crítica e emancipatória. O processo de escuta e registro das narrativas possibilitou aos moradores o reconhecimento de seus saberes e vivências, combatendo sentimentos de exclusão e inferioridade historicamente impostos.

A produção do documentário resultante desse trabalho contribuiu para a preservação das tradições, práticas e modos de vida do grupo, além de ampliar sua visibilidade social. Essa visibilidade abriu possibilidades para o estabelecimento de parcerias, o acesso a projetos públicos, doações e o fortalecimento da empatia social, criando condições para potenciais mudanças estruturais.

Para os estudantes envolvidos, o projeto representou significativo enriquecimento acadêmico e cultural, possibi-

litando o desenvolvimento de competências relacionadas à pesquisa de campo, à comunicação em contextos sensíveis e às práticas audiovisuais, como elaboração de roteiros, captação de som e edição de imagens. Dessa forma, a extensão universitária demonstrou seu papel na formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com causas sociais, capazes de atuar em ações futuras voltadas ao benefício coletivo.

O projeto teve como objetivo promover ações extensionistas voltadas à abordagem das dimensões subjetivas de um grupo social submetido a processos de exclusão e vulnerabilização. Além disso, constituiu-se como componente para fins administrativos do componente curricular Memórias e Identidades Culturais em Práticas de Extensão Universitária.

METODOLOGIA

A metodologia do projeto “Memórias dos Beradeiros” foi feita de forma orgânica, partindo de uma abordagem dialógica e colaborativa entre a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e a comunidade. Este processo buscou, atingir o objetivo principal de valorizar e documentar as memórias, histórias de vida, saberes e práticas culturais das famílias que vivem às margens das rodovias federais (BR-101 e BR-116), promovendo visibilidade e fortalecimento da identidade.

O processo iniciou-se com a realização de visitas às famílias, essenciais para criar vínculos de confiança e apresen-

tar a proposta. O contato inicial e contínuo se deu por meio de rodas de conversa, que possibilitaram a escuta atenta e o respeito às vivências dos moradores. Essa etapa serviu como base para romper com os estigmas de “pobres” ou “invasores”, promovendo o reconhecimento mútuo e a dignidade.

A coleta de dados foi realizada com base na história oral, um instrumento central para registrar e documentar as vivências, conforme objetivo específico. Para isso, foram utilizadas entrevistas gravadas em áudio e vídeo, além de registros fotográficos do cotidiano, das condições de moradia e das práticas culturais. O foco principal na coleta esteve em resgatar histórias de vida, trajetórias de migração, motivos da ocupação e saberes tradicionais, como agricultura e culinária, e experiências de resistência. Esse registro detalhado é fundamental para preservar a memória coletiva e as práticas culturais do grupo. Em seguida, o material coletado foi sistematizado e organizado para a produção de um documentário, que reuniu entrevistas, imagens e fotografias, com o propósito de valorizar e dar visibilidade às memórias e identidades das famílias.

A etapa final do processo foi a devolutiva à comunidade, que se dará com a exibição do documentário em um encontro coletivo. Este momento final teve como objetivo garantir que os moradores se reconheçam no produto, fortalecendo sua autoestima e pertencimento social, cumprindo assim o objetivo de gerar impactos sociais e culturais. Por fim, o material será divulgado em espaços acadêmicos, comunitários e digitais, permitindo ampliar o alcance e a visibilidade das histórias registradas, além de sensibilizar a sociedade quanto à importância da preservação da memória coletiva.

Para a execução, foram utilizados recursos audiovisuais e a atuação conjunta de professores e estudantes, garantindo o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, comunicação e produção.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O trabalho de campo do projeto “Memórias dos Bera-deiros” confirmou a premissa de que as famílias que vivem às margens das rodovias BR-101 e BR-116, encontram-se em situação de extrema vulnerabilidade social. As duas visitas realizadas, nos dias 15/11/2025 e 23/11/2025, nós fizemos enxergar essa realidade escondida perante a sociedade, portanto, uma invisibilidade social.

A primeira visita em campo, realizada com o acompanhamento do professor Herbert Toledo, possibilitou o contato com 8 casas e cerca de 10 pessoas. As primeiras famílias visitadas reforçaram o fato da extrema precariedade das moradias: muitos moradores vivem numa vida simples onde sobrevivem com base no que plantam. A condição de vida observada, marcada pela habitação precária (visto que uma residência era feita de lonas, sem água potável e energia elétrica), reflete a vulnerabilidade social onde essas famílias se encontram. A segregação espacial e a falta de acesso a serviços essenciais transformam a vida dos mais pobres em uma luta pela sobrevivência (MARICATO, 2001). A exclusão social, por sua vez, fragiliza esses indivíduos social e profissionalmente os limitando a capacidade de viver uma

vida plena. A ausência de elementos fundamentais para a dignidade humana como moradia adequada condena os moradores a um ciclo de privação. Assim, nos faz analisar que as políticas públicas, nas quais são feitas essas situações, não estão chegando até essas pessoas os deixam vulneráveis socialmente.

Cada pessoa, casa e ambiente, são relatos, histórias e vivências diferentes, cada indivíduo carrega consigo uma cultura, uma identidade e uma memória e o que mais encanta nesses “posseiros” que mesmo, individualizados, carregam o mesmo objetivo, a luta pela sobrevivência. E isso fica claro em cada casa visitada, é sempre simples, nada extravagante, percebe-se sua humildade, pela forma de se expressar, pelas vestimentas e pelo ambiente. Sempre receptivos, com um sorriso no rosto, oferecendo o que há de melhor mesmo com pouco.

A localização das residências, situadas nas margens da BR-101, impõe um risco ambiental constante e subestimado: o ruído incessante gerado pelo tráfego intenso é a característica mais notória e interferente durante as visitas. Embora o ruído cause desconforto, percebe-se uma adaptação crônica por parte dos moradores, que relatam estar “acostumados” a essa realidade. Este fato, com potenciais impactos sobre a saúde, transforma o som da rodovia em um agente de estresse ambiental constante.

Apesar da condição de extrema vulnerabilidade, o projeto evidenciou que os “Beradeiros” não são definidos apenas pela privação. Cada indivíduo carrega consigo uma cultura, uma identidade e uma memória singular. Essa riqueza identitária persiste, manifestada na humildade e receptividade, e na disposição de compartilhar o pouco que têm.

A valorização dessa cultura e identidade, por meio do registro da memória, assume um papel de resistência fundamental. Conforme teoriza Stuart Hall (2006), a identidade não é um ponto fixo, mas uma produção que está sempre em processo, e, para grupos marginalizados, a memória e a cultura são campos de luta que permitem aos sujeitos reafirmarem seu valor e reconstituir o que significa pertencer.

O ato de documentar suas histórias de vida e saberes atuou diretamente contra a exclusão. Nessa perspectiva, Zygmunt Baumann (2005) esclarece que a exclusão não é apenas a negação de recursos, mas a negação da dignidade de ser reconhecido. A ligação identitária e emocional com a terra é o ponto central dessa resistência e sobrevivência.

A busca incessante por alimento, marcada pela necessidade de plantar e colher, revela uma força vital que transcende a mera sobrevivência. Essa dependência e apego emocional à terra foi flagrante na segunda visita: mesmo com as dificuldades diárias e a falta de água e comida, os entrevistados foram unânimes em agradecer a terra, a qual consideram fonte de abrigo, alimento, proteção e segurança. Sem o cultivo da terra, a sobrevivência é inviabilizada. O projeto, ao dar voz e memória a esses sujeitos e documentar seus saberes, executa o primeiro ato de resistência contra essa dispensa social, garantindo que suas lutas e identidades sejam perpetuadas para as futuras gerações.

Portanto, A força de resistência dos “Beradeiros” reside intrinsecamente em sua identidade como agricultores de beira de estrada e no profundo apego emocional e prático à terra, mesmo que ocupem faixas de domínio. Essa conexão transcende a mera necessidade, a prática de plantar e colher

não é apenas uma estratégia de subsistência, mas a base de sua memória e cultura. A terra é, para eles, a garantia de que sua luta por sobrevivência será contínua. Os relatos coletados na segunda visita evidenciaram o cerne dessa identidade, mesmo enfrentando a extrema carência de água e comida a relação com a terra prova que, sem a possibilidade de cultivar, sua sobrevivência seria inviabilizada, fazendo do solo às margens da rodovia o único instrumento de cidadania e dignidade que lhes resta, transformando o saber tradicional em um poderoso elemento de preservação da memória coletiva contra a invisibilidade imposta

INDICADORES DE SUCESSO

Os indicadores de sucesso do projeto foram avaliados a partir de elementos quantitativos e qualitativos, considerando os objetivos propostos e os efeitos observados junto à comunidade. No que se refere aos aspectos quantitativos, foram entrevistadas cinco pessoas pertencentes a diferentes núcleos familiares, resultando em material audiovisual significativo para a composição do documentário.

A exibição do documentário ocorreu no terceiro encontro realizado com a comunidade beradeira, configurando-se como um momento central de devolutiva da ação extensionista. O material apresentado foi recebido de forma positiva e com divertimento pelos moradores presentes, que demonstraram interesse e envolvimento durante a exibição, reconhecendo-se nas imagens e narrativas exibidas.

Após o evento, os integrantes do grupo estabeleceram conversas informais com diferentes membros da comunidade, incluindo participantes e não participantes das entrevistas. Nessas interações, os moradores relataram satisfação em relação aos trechos do documentário que assistiram, destacando a importância de verem suas vivências representadas e valorizadas. Esse retorno espontâneo indica a aceitação do produto audiovisual e sua relevância enquanto instrumento de reconhecimento social.

Do ponto de vista qualitativo, os resultados evidenciam impactos positivos na autoestima e no sentimento de pertencimento comunitário, reforçando o papel do projeto na valorização das memórias, das histórias de vida e dos saberes dos beiradeiros. Assim, a recepção favorável do documentário e o diálogo estabelecido após sua exibição constituem indicadores concretos do alcance e da efetividade da ação extensionista.

CONCLUSÃO

O projeto “Memórias dos Beiradeiros” cumpriu o seu propósito de valorizar e documentar, por meio da história oral, as vivências de famílias que residem às margens das rodovias federais BR-101 e BR-116. A ação reforçou a relevância social e acadêmica da extensão, atuando como um contraponto à invisibilidade e à institucionalização da miséria.

O público-alvo foi famílias que vivem em condições de extrema vulnerabilidade social e que moram à beira da,

muitos sobrevivendo com base no que plantam e vendem. Eles são caracterizados pela humildade, receptividade e por demonstrarem uma notável disposição em compartilhar sua luta diária. A situação de vulnerabilidade é extrema, evidenciada pela visita a uma residência em que os moradores vivem em lonas, sem água potável, energia elétrica, e dependem de fogão a lenha para a sobrevivência. “Essa condição reflete a negação do direito à cidade e a segregação espacial enfrentada pelos mais pobres, conforme teorizado por Maricato (2001)”.

Percebe-se que a ausência de políticas públicas eficazes e a invisibilidade perante o governo e a sociedade deixam esses indivíduos socialmente vulneráveis. Ao registrar e divulgar suas lutas e saberes, o projeto reconheceu essas famílias como sujeitos históricos e portadores de cultura e memória, combatendo estigmas e elevando a autoestima comunitária.

Portanto, apesar das privações, é fundamental reconhecer que cada Beradeiro visitado carrega consigo uma cultura, uma identidade e uma memória singular, traduzida na humildade, receptividade e na luta pela sobrevivência digna. Para os estudantes, a experiência proporcionou aprendizado prático em pesquisa de campo, comunicação sensível e produção audiovisual, fortalecendo uma formação cidadã crítica e comprometida com as causas sociais.

A finalização do projeto foi feita na Universidade Federal do Sul da Bahia, onde foi exibido o documentário, neste mesmo dia houve o III encontro dessas famílias e organizado pelo professor Herbert Toledo, ao final da exibição tivemos uma roda de conversas para escutar essas famílias, onde tivemos bons resultados, pois, eles se sentiram dignos e elevando sua autoestima e principalmente teve o senti-

mento de pertencimento e valorização identitária e cultural que foi o objetivo deste projeto de extensão.

Além do impacto individual e acadêmico, esta ação extensionista cumpriu o papel social da universidade ao promover aprendizagens coletivas e fortalecer os vínculos entre a universidade e a comunidade. O registro audiovisual proporcionou uma troca significativa de saberes, onde o conhecimento acadêmico se uniu à sabedoria tradicional dos “Beradeiros”, enriquecendo ambas as partes. O projeto evidenciou que, apesar de desprovida do básico, esta população não é passiva e persiste em sua batalha por existir e resistir, através do plantio e da colheita, testemunhando a força vital que transcende a mera sobrevivência.

Como desdobramento futuro, o documentário finalizado deve ser utilizado como uma ferramenta de visibilidade. Sua divulgação em espaços acadêmicos, comunitários e digitais visa não apenas a preservação da memória, mas também a sensibilização da sociedade e a atração de parcerias, doações e projetos públicos, abrindo caminho para possíveis mudanças estruturais na “Vila Seringueira”. Assim, o acesso ao registro das memórias e identidades serão também para as futuras gerações, perpetuando a voz e a luta dos “Beradeiros”.

REFERÊNCIAS

COSTA, Oneide Andrade da e MARTINS, Herbert Toledo. À beira da vida: vulnerabilidade social dos beiradeiros do extremo sul da Bahia, Brasil. In: CARNEIRO, Ana et

al. **Estado e sociedade sob olhares interdisciplinares: experiências participativas, disputas narrativas, territórios e democracia.** Salvador-BA: EDUFBA, 2020.

MARTINS, Herbert Toledo e CASTRO, Dhanyane Alves. **O perfil dos agricultores de beira de estrada do Sul da Bahia.** Rio de Janeiro: VII Coniter, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

MARICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2001.

BERNARDO, Gustavo. **Glauber Rocha e a estética da fome.** Rio de Janeiro: Record, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas: a modernidade e seus párias.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

VOZES INVISÍVEIS

Alice Souza Santos
Evellyn Santos Bonfim
Fábio Júnior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Leticia Ribeiro Matos
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Priscila Romana Silva Seixas
Paulo Henrique dos Santos Silva
Raquel Mendes Almeida

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Vozes Invisíveis” vinculado ao Componente Curricular de Extensão – CCEX, no semestre de 2025.1 nos apresentou a proposta “O que a rua conta: escuta e memória de quem nela vive” tem como objetivo produzir um documentário para valorizar às histórias de vida das pessoas em situação de rua na cidade de Teixeira de Freitas, Extremo Sul da Bahia. As histórias de vida, as memórias e a identidade desses sujeitos são frequentemente desvalorizadas, o que dificulta o reconhecimento de sua dignidade e de seus direitos.

Fundamentado nos estudos de Alvares (2009), que a partir de um encontro entre um morador de rua e uma professora, o que o autor chamou de “encontro transforma-

dor, ele analisou como as pessoas em situações de rua sofrem exclusão social que marca suas trajetórias e, também, como ocorrem os encontros considerados transformadores. Seguindo as ideias de René Barbier (2002) e Paulo Freire (1996), a pesquisa buscou promover práticas de escuta sensível e humanizada como forma de criar espaço para que as pessoas em situação de rua expressem suas vivências e reconstruam suas próprias narrativas. A produção de um documentário participativo é um meio de dar visibilidade a esses indivíduos que foram historicamente marginalizados, ou seja, “segmento populacional de excluídos” Alvares (2009, p.260), e silenciados, e este projeto do CCEX – Vinculado a Universidade Federal Do Sul da Bahia, pode possibilitar que eles assumam a narrativa de suas histórias.

Essa iniciativa também se fundamenta na compreensão da extensão universitária como um espaço de troca, sensibilidade e compromisso social, ultrapassando a lógica da transmissão unidirecional de conhecimento e priorizando o encontro humano. A proposta se apoia nas abordagens de educação popular desenvolvidas por Paulo Freire (1996), que compreende o processo educativo como uma prática libertadora, construída a partir da realidade e das vivências dos sujeitos. Paulo Freire defende que a verdadeira aprendizagem nasce através do diálogo e da escuta, e que o educador deve reconhecer o outro como portador de saberes e experiências legítimas.

Nesse mesmo sentido, a ação se ancora no pensamento de René Barbier, especialmente em sua abordagem da pesquisa-ação (2007), na qual a escuta sensível ocupa lugar central. Para Barbier, escutar sensivelmente é um ato que

exige empatia, presença e ausência de julgamento. Ao reconhecer a história do outro com respeito e abertura, cria-se uma conexão humana verdadeira. René Barbier reforça que não se deve impor narrativas sobre quem está sendo escutado, pois cada sujeito é complexo, criativo e está em constante transformação.

Com base nessas perspectivas, o projeto “Vozes Invisíveis”, vinculado à ação descrita acima, propõe não apenas registrar os relatos das pessoas em situação de rua, mas também devolver essas histórias a elas, promovendo reconhecimento, visibilidade e dignidade. A ideia aqui é criar espaços em que as vozes desses autores sejam autônomas, vozes possam ser ouvidas, compreendidas e legitimadas. Assim, a ação se alinha aos princípios éticos e políticos da extensão universitária crítica, comprometida com a justiça social e com a promoção de práticas formativas que articulem conhecimento acadêmico e transformação da realidade.

METODOLOGIA

Planejamento da Ação

O planejamento da ação extensionista “Vozes Invisíveis” teve como objetivo promover a escuta sensível e o reconhecimento das experiências de pessoas em situação de rua, por meio da produção e exibição de um documentário. A escolha dessa metodologia se deu pelo seu potencial de

registro e devolutiva das histórias contadas pelos participantes, além de possibilitar o engajamento de diferentes públicos, ampliando o alcance social da ação. O documentário foi pensado como um meio acessível, sensível e significativo para dar visibilidade às narrativas dessas pessoas, em um contexto de invisibilidade social.

O público-alvo principal foram as pessoas em situação de rua, e o conteúdo foi pensado para promover não apenas o registro das experiências, mas também a devolução respeitosa dessas histórias à própria comunidade. A exibição do documentário foi planejada para ocorrer junto aos moradores de rua, em Teixeira de Freitas (BA), com participação também de alunos da faculdade e público externo, promovendo a integração entre universidade e sociedade. O planejamento das etapas foi realizado de forma colaborativa por meio de um grupo no *WhatsApp*, onde os discentes discutiram a estrutura do documentário, definiram os temas a serem abordados nas entrevistas (trajetória de vida, fatores que levaram à situação de rua, cotidiano, desafios e invisibilidade social), além de organizarem a logística da gravação.

Execução da Ação

A execução da ação ocorreu conforme o planejamento estabelecido. Foram realizadas entrevistas com pessoas em situação de rua, utilizando abordagem humanizada, escuta ativa e consentimento informado. Os discentes foram responsáveis por todas as etapas da produção do documentário: captação de imagens, criação do roteiro e edição do material.

Foi definido entre os membros da equipe quem teria disponibilidade para ir até o local realizar as entrevistas. A abordagem inicial ocorreu na Praça da Bíblia (Teixeira de Freitas), onde algumas pessoas em situação de rua foram convidadas a participar. No entanto, devido à ocorrência de um evento no local — o que prejudicaria o áudio e a fluidez da conversa — a equipe, junto aos participantes, decidiu realizar as gravações na Rodoviária Velha, Centro da cidade, por ser um ambiente mais tranquilo e adequado para o registro das entrevistas.

As filmagens foram realizadas no período da noite, horário em que a rodoviária apresentava baixo movimento, favorecendo o ambiente para a escuta e o registro dos relatos. Antes de iniciar as gravações, os estudantes ofereceram alimentos aos participantes e respeitaram seu tempo para se alimentarem, mantendo uma postura de acolhimento e cuidado. Todos os participantes assinaram previamente o termo de autorização de uso de imagem e concordaram de forma espontânea com a gravação e a conversa, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa e da extensão. Portanto, A metodologia adotada e decrita acima, evidenciou o papel transformador da extensão universitária, promovendo a escuta, o reconhecimento da dignidade humana e a valorização das histórias que, muitas vezes, permanecem invisíveis no contexto urbano.

RESULTADOS

A ação extensionista “Vozes Invisíveis” foi executada conforme o cronograma previamente estabelecido, com to-

das as etapas previstas sendo cumpridas dentro do período planejado. Desde o planejamento colaborativo até a finalização e exibição do documentário, as atividades ocorreram de forma integrada e participativa, evidenciando o comprometimento dos discentes com a proposta. Os principais resultados esperados foram atingidos. O documentário foi produzido com base na escuta sensível das narrativas de pessoas em situação de rua da cidade de Teixeira de Freitas, promovendo a valorização de suas histórias e o reconhecimento de sua dignidade. A disseminação dos resultados se deu em duas maneiras principais: a primeira, ocorreu por meio da apresentação do trabalho em uma aula online, onde foram compartilhadas as experiências de gravação e exibição do documentário para os colegas e docentes. A segunda, se deu pela publicação do documentário em uma página do Instagram criada especificamente para o projeto, ampliando o alcance da ação para além do espaço acadêmico e permitindo o acesso de um público mais amplo às narrativas registradas.

Entre os aspectos positivos, destaca-se o engajamento dos discentes em todas as fases do projeto, o fortalecimento da empatia e da escuta ativa como prática formativa, e a criação de um espaço de diálogo legítimo com os participantes. A experiência evidenciou o potencial transformador da extensão universitária crítica, que articula o saber acadêmico à realidade social com sensibilidade e compromisso ético. Dentre as dificuldades enfrentadas, houve desafios logísticos relacionados à escolha de um local adequado para a gravação das entrevistas, especialmente em função de fatores externos, como a realização de eventos públicos

que comprometeriam a captação de áudio. No entanto, essas dificuldades foram contornadas com diálogo e flexibilidade, resultando em um ambiente mais propício às conversas na Rodoviária Velha.

Portanto, a ação contribuiu significativamente para a formação cidadã dos discentes, além de reafirmar a importância de práticas extensionistas comprometidas com a escuta, o respeito e a transformação social, além de conectar universidade com o público em geral.

CONCLUSÃO

A ação cumpriu os objetivos propostos, promovendo a escuta sensível e a valorização das narrativas de pessoas em situação de rua, por meio da produção e divulgação de um mini documentário. A atividade esteve alinhada ao projeto maior do CCEX, ao estimular práticas baseadas na escuta sensível, no respeito e no diálogo com a comunidade. Como sugestão, recomendamos a continuação de planos similares a esse, com foco em incentivar à participação da comunidade, e sociedade, fortalecendo o vínculo entre universidade e sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza; ALVARENGA, Augusta Thereza de; DELLA RINA, Silvia Cristiane de

S. A. Histórias de vida de moradores de rua, situações de exclusão social e encontros transformadores. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 259–272, 2009.

ROCHA SALAZAR, J. W.; CARDOSO VARÃO SANTOS, H. Educação popular: uma análise à luz do pensamento de Paulo Freire: Popular education: an analysis in the light of Paulo Freire's thinking . **Revista Cocar**, [S. l.], n. 30, 2024.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RETRATOS DE MIM: AUTORETRATOS E IDENTIDADES

Beatriz Alves Santos
Estefanie Sfalsin de Freitas
Fábio Júnior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Luana Santos Brito
Maithê Maria Barbosa de Oliveira
Mirela Arifa Sena

INTRODUÇÃO

O objetivo da ação proposta aqui neste relatório será estimular a expressão identitária dessas pessoas por meio de autorretratos e narrativas visuais e textuais, além de proporcionar reflexões sobre a construção da própria imagem, fortalecer a autoestima, autonomia e a visibilidade desses indivíduos, contribuindo para a valorização da diversidade, sobretudo através da arte; visto que para (Rauen; Momoli, 2015), a arte é como se fosse um espaço social construtor de subjetividades.

Rauen e Momoli (2015), coloca que a arte tem sido, ao longo da história, uma das mais potentes formas de expressão humana, permitindo que indivíduos e grupos so-

ciais manifestem suas subjetividades, memórias, vivências e lutas. No contexto atual, marcado por desigualdades estruturais, apagamentos simbólicos e exclusão de diferentes grupos sociais, torna-se cada vez mais urgente construir espaços de expressão cultural que sejam acessíveis, inclusivos e comprometidos com a diversidade. O projeto “Retratos de Mim: Autorretratos e Identidade” surge justamente desse compromisso ético e estético com a pluralidade de existências. Pois, ao trabalharmos o autorretrato, esperamos que “o indivíduo identifique e demonstre suas próprias características e percepções, buscando explicitar de forma concreta seu “eu” (Rauen; Momoli, 2015, p.52).

A ação descrita neste texto ocorreu de forma presencial na ONG CEU- Espaço Cultura, Educação e União[16], localizada em Teixeira de Freitas. Esta foi conduzida em formato de oficina artística, contando com a participação de homens, mulheres e crianças. O projeto foi apresentado aos participantes de maneira leve e acolhedora. A abordagem sensível facilitou a criação de um ambiente seguro e de confiança dos participantes que produziram autorretratos que refletiam memórias afetivas e aspectos importantes de suas trajetórias pessoais.

A proposta parte da compreensão de que todos os sujeitos, independentemente de sua idade, origem, corpo, condição social ou funcionalidade, têm o direito de se expressar, de construir e reconstruir sua imagem e sua narrativa. O autorretrato, seja por meio da pintura, da fotografia ou da palavra, é aqui compreendido como um instrumento pedagógico e artístico que possibilita a elaboração da própria identidade de maneira sensível e autônoma. Desse modo,

“as memórias narradas apresentam demarcações entre as gentes do lugar e nos contam sobre a heterogeneidade das condições de reprodução social” (Novaes, 2022,p.1).

A escolha por trabalhar com público diverso — em termos geracionais, sociais, étnico-raciais, de gênero, de corporalidades e experiências — é intencional e necessária. Longe de buscar uma homogeneização, o projeto reconhece que a diversidade é, por si só, formativa. A convivência entre diferentes horizontes estimula a empatia e fortalece o sentimento de pertencimento.

Como esse projeto foi baseado em analisar na prática o processo de autorretrato dos participantes, pautados na exploração da memória e da identidade se torna imprescindível interpretar tais conceitos, para fins de entender melhor todo processo dessa atividade de extensão. Assim, podemos dizer que “a memória não equivale à recuperação precisa de fatos do passado; implica o acionamento de narrativas que constroem sentidos no presente” (Novaes, 2022, p 3). Isso implica de forma direta na construção do “eu” de cada indivíduo, contribuindo ainda para o processo de formação da sua identidade. O conceito de memória, às vezes, aparece ligada ao conceito de identidade, por isso, “nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. (2010, p.73).” e a arte nos leva, às vezes, a essas rememorações.

Em concordância Kajimoto *et al.* (2014) diz que a memória influencia a identidade, ou seja, a memória permite ainda que o indivíduo tenha uma identidade, pois, ela se mostra um dos elementos fundantes da cultura de uma comunidade, e são seus traços, que dão voz e consistência e

sentido ao presente. Não o bastante, ele acrescenta que a memória faz uma ligação entre a lembrança e o sentimento de identidade. Quando se trata de expor essas memórias carregadas de sentimentos, temos a afirmação de Thomson (1997), que diz que as memórias que escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar) e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.

Pensando a identidade como um processo vinculado à interioridade do sujeito, ela está passível de construção, reconstrução e desconstrução, ou seja, não é algo finalizado. Stuart Hall (1992) analisa em seu livro intitulado: A identidade cultural na pós-modernidade, as mudanças históricas que fizeram com que a identidade se tornasse algo muito mutável.

Quanto ao autorretrato sempre refletimos sobre a questão primordial, por exemplo: “Quem sou eu?”. Essa reflexão é totalmente válida, visto que, é necessário se conhecer para se retratar. Em outras palavras, Rauén e Momoli (2015), diz que através da prática do autorretrato podemos ir de encontro a novas imagens de nosso “eu” que nos identifiquem como cidadãos. Um cidadão capaz de reconhecer a própria identidade. Ainda de acordo com os autores, trabalhar a questão da identidade é, sempre, válido em qualquer faixa etária, pois estamos sempre nos construindo, nos modificando.

Ao trabalhar o autorretrato fundamentado na percepção, através da observação, com momentos de reflexão sobre o que somos ou fomos a cada momento de nossas vidas estaremos oferecendo condições para que o indivíduo compreenda sua própria condição e de suas escolhas. Refletir

sobre todo esse processo pode gerar conhecimento e assim contribuir para o processo de construção de sua identidade (2015, p.61).

Ademais, as artes como a pintura, estabelece uma profunda conexão com a memória. Vaz e Panek (2018) demonstram que o fazer artístico, especialmente quando parte de experiências autobiográficas, permite ao sujeito lidar com ausências, perdas e lembranças de forma simbólica. A pintura, nesse caso, funciona não apenas como um registro, mas como um espaço de elaboração e expressão. No Brasil, a prática do autorretrato tem sido utilizada por diversos artistas como forma de afirmação identitária e resistência. Artistas como Tarsila do Amaral, Lygia Clark e, mais recentemente, outros nomes das artes visuais contemporâneas, utilizaram a própria imagem como estratégia de valorização cultural, enfrentamento de estereótipos e reivindicação de pertencimento (Autorretratística,2004). Portanto o retrato, seja fotográfico ou não, funciona como uma ferramenta potente de expressão identitária, pois permite que o indivíduo selecione aspectos de sua história, memória e vivência para apresentar ao mundo.

A partir disso, o presente projeto visa essencialmente estimular a expressão identitária dessas pessoas por meio de autorretratos e narrativas visuais e textuais. A fim de proporcionar reflexões sobre a construção da própria imagem, fortalecer a autoestima, a autonomia e a visibilidade desses indivíduos, contribuindo para a valorização da diversidade. Abaixo descrevemos os passos que percorremos metodologicamente, desde de o reconhecimento do campo, até a aplicação da ação.

METODOLOGIA E APLICAÇÃO DAS ETAPAS

A atividade do projeto foi realizada no dia 15 de julho de 2025 no Centro de Cultura, Educação e União – CEU, com duração de duas horas, tendo início às 19h30. A ação ocorreu de forma presencial e foi conduzida em formato de oficina artística, contando com a participação de homens, mulheres e crianças. A proposta teve como foco a criação de autorretratos por meio da pintura, com o objetivo de estimular a expressão identitária a partir de memórias afetivas. Contamos com o auxílio da professora responsável na introdução do tema, Fabio Barros e Lílian Araújo. Portnato, o projeto foi apresentado de maneira leve, ética e acolhedora. Apesar de um início marcado pela timidez dos participantes, a abordagem sensível facilitou a criação de um ambiente seguro e de confiança. Quanto as etapas da ação, que chamamos de momentos, consistiram em:

Momento 1: O primeiro momento, apresentação do projeto de forma leve, ética e acolhedora. Embora o grupo tenha se mostrado inicialmente tímido, essa abordagem facilitou o engajamento gradual dos participantes. Foi introduzido o tema da identidade e a importância das memórias na construção do “eu”, da identidade.

Momento 2: Na sequência, os participantes iniciaram a produção artística, desenhando e pintando cenas que representavam momentos marcantes de suas vidas. A atividade lhes fizera rememorem memórias significativas, como experiências da infância, vínculos familiares e lugares afetivos. A interação foi espontânea, com relatos emocionantes e compartilhamento de histórias enquanto desenhavam. Gradualmente as crianças presentes também participaram

criando seus próprios desenhos. A partir da escuta e observação dos pais, se sentiram confortáveis para se expressar por meio de imagens cheias de afeto, como corações, casas e representações da família.

Momento 3: Após a produção dos autorretratos, foi realizado um momento de roda de conversa, no qual os participantes apresentaram suas obras e compartilharam as memórias que as inspiraram. Cada relato trouxe à tona a importância de reconhecer as lembranças como parte da identidade de cada pessoa.

Momento 4: A ação foi finalizada com uma conversa reflexiva sobre o processo vivido, ressaltando que a arte e a memória contribuem para o fortalecimento do autoconhecimento e da autoestima. Foi destacada a relevância de re-visitado o passado com sensibilidade e expressão, compreendendo que cada lembrança ajuda a construir a percepção de quem somos. Durante todos os momentos, foram realizados registros fotográficos e anotações dos processos e interações. Esses registros serão utilizados para análise do impacto da atividade, avaliação da metodologia aplicada e posterior divulgação dos resultados em formato expositivo e digital.

RESULTADOS

O objetivo central da atividade foi plenamente alcançado. Os participantes produziram autorretratos que refletiram memórias afetivas e aspectos importantes de suas trajetórias pessoais. Durante a oficina, foi possível observar alto engajamento, especialmente após o início da produção

artística, quando os participantes se sentiram mais à vontade para compartilhar histórias e sentimentos relacionados às imagens criadas. As crianças também participaram ativamente, inspiradas pelo envolvimento dos adultos. Esse aspecto foi muito positivo, pois promoveu a **integração intergeracional** e reforçou o caráter inclusivo do projeto. A roda de conversa final demonstrou que os participantes compreenderam a proposta de refletir sobre a identidade a partir das memórias, enriquecendo o momento com relatos emocionantes.

A oficina foi registrada por meio de fotografias e anotações descritivas, que serão utilizadas para a produção de materiais para a apresentação do projeto no CCEX. Além disso, os registros servirão de base para a elaboração de relatórios e possíveis apresentações em eventos acadêmicos ou comunitários, contribuindo para a disseminação das experiências vividas.

Um dos principais pontos positivos foi a acolhida e participação ativa dos envolvidos, que se mostraram receptivos e interessados ao longo da atividade. O apoio dos professores do componente responsável foi fundamental na introdução do tema, ajudando a criar um clima de escuta e respeito. Outro destaque foi a qualidade das produções artísticas e narrativas, que demonstraram a potência da arte como meio de expressão identitária.

CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento do projeto, foram enfrentadas dificuldades relacionadas, sobretudo, à identificação

de espaços institucionais cuja dinâmica de funcionamento permitisse a realização de oficinas em grupo, conforme previsto inicialmente. Esses entraves exigiram adequações metodológicas e reorganizações ao longo do processo. Além disso, observou-se, nos primeiros momentos da ação, certa timidez e resistência por parte dos participantes, o que demandou estratégias de acolhimento e construção gradual de confiança para viabilizar a participação efetiva nas atividades propostas.

Apesar desses desafios, a realização da oficina artística possibilitou o pleno cumprimento dos objetivos estabelecidos, ao criar um espaço de expressão identitária mediado pela arte. A ação mostrou-se alinhada aos propósitos do projeto maior do CCEX, ao promover acesso à cultura, valorização das experiências individuais e coletivas e estímulo à participação social por meio da linguagem artística. Destaca-se, ainda, a contribuição da oficina para a democratização do fazer artístico, ao permitir que os participantes se expressassem por meio da pintura, independentemente de formação prévia na área.

Como encaminhamento, recomenda-se o fortalecimento da comunicação entre a universidade e as instituições parceiras, de modo a facilitar o diálogo, ampliar o alcance das ações e possibilitar atividades de maior duração. A experiência superou as expectativas quanto à participação e à qualidade dos resultados alcançados, evidenciando a arte como uma ferramenta potente de diálogo, pertencimento e valorização das memórias individuais, cumprindo, assim, a função social e educativa proposta pelo projeto.

REFERÊNCIAS

ZILBERMAN, Regina. **Memoria entre oralidade e escrita**. Letra de hoje. Porto Alegre, v. 41,n. 3, p. 117-132, setembro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NOVAES, Roberta Brandão. Aqui todo mundo é parente: memória, família e distinção em comunidades camponesas no Norte de Minas Gerais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 30, n. 2, 2022.

SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, p.67-86, set./dez 2010.

RAUEN, Roselene Maria.; MOMOLI, Daniel Bruno. Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade. **Educação, artes e inclusão. Santa Catarina**, v.11, 2015.

NATACHA Kajimoto.; GERBASI, Vinicius Aleixo.; CAVALCANTE, Eugênia Lídia. **Indivíduo e culturas fragmentadas: a importância da memória na construção de identidades**. Ceará, 2015.

FLORESCENDO IDENTIDADES

Naiara da Silva Guimarães Jacobsen

Fábio Junior da Luz Barros

Gustavo de Sousa Serapião

Lílian Santos Lima Rocha de Araújo

INTRODUÇÃO

A escola constitui-se como um espaço privilegiado de socialização, aprendizagem e construção da identidade dos sujeitos. Para além da educação formal, é nesse ambiente que crianças e adolescentes têm a possibilidade de reconhecer suas características individuais, sociais e culturais, desenvolvendo habilidades que orientam suas relações consigo mesmos, com o outro e com o mundo. Nesse sentido, a formação escolar desempenha papel central no fortalecimento identitário, especialmente quando se trata de estudantes historicamente marginalizados ou em situação de vulnerabilidade social, como pessoas com deficiência (PCDs).

O respeito à diversidade pressupõe reconhecer e valorizar os diferentes saberes presentes no cotidiano escolar, bem como aceitar os limites do próprio conhecimento. Essa perspectiva nos convida a refletir sobre como a escola compreende, acolhe e atua diante das múltiplas identidades que coexistem em seu interior. Embora os desafios se-

jam inúmeros, é fundamental partir do reconhecimento de que todos os sujeitos têm direito a uma identidade própria, construída de forma singular, ainda que alguns necessitem de maior apoio pedagógico, social e afetivo para compreendê-la e afirmá-la.

Diversos estudos apontam que muitos estudantes não estão habituados a refletir sobre si mesmos, como coloca Haetinger(2017) apresentando dificuldades no processo de autoidentificação. Essa realidade torna-se ainda mais evidente entre alunos PCDs e aqueles que crescem marcados por estereótipos e processos de exclusão, os quais frequentemente limitam a construção de projetos de vida e o reconhecimento de suas potencialidades.

Diante desse cenário, o presente projeto foi desenvolvido em uma escola municipal que se destaca pelo compromisso com a inclusão e com o atendimento à comunidade local. A ação teve como foco a promoção do fortalecimento identitário de crianças e adolescentes, com ênfase em estudantes PCDs, por meio de práticas pedagógicas interativas e inclusivas, reconhecendo a escola como espaço fundamental de acolhimento, escuta e construção coletiva da identidade.

O objetivo geral da ação consistiu em promover o fortalecimento identitário de alunos PCDs e marginalizados, por meio de atividades pedagógicas e lúdicas que estimulassem a interação, a expressão individual e o reconhecimento das próprias características, potencialidades e interesses.

METODOLOGIA

A ação foi desenvolvida a partir de uma abordagem pedagógica inclusiva, centrada na observação, na escuta e na adaptação das atividades às necessidades específicas de cada estudante. Inicialmente, foi realizada uma atividade diagnóstica com o objetivo de identificar o nível de conhecimento alfabético, cognitivo e socioemocional dos alunos, possibilitando a elaboração de propostas adequadas às suas realidades individuais.

Com base nesse diagnóstico, foram planejadas e executadas atividades diversificadas, como jogos interativos de raciocínio lógico, coordenação motora, cooperação e socialização, além de dinâmicas pedagógicas voltadas à autoexpressão e ao reconhecimento identitário. As ações buscaram articular o trabalho pedagógico já desenvolvido pela escola com estratégias diferenciadas, promovendo um ensino mais sensível, flexível e condizente com as especificidades de cada aluno.

A metodologia também envolveu a participação ativa de profissionais de apoio à inclusão, professores, coordenação pedagógica e direção escolar, reconhecendo a importância do trabalho coletivo no processo de ensino-aprendizagem. As atividades foram realizadas no turno vespertino, ao longo do segundo semestre letivo, envolvendo um grupo de estudantes com necessidades especiais e em situação de marginalização social.

A escolha dessa metodologia justificou-se pela constatação da carência de apoio pedagógico especializado e, em

muitos casos, da fragilidade do suporte familiar, fatores que impactam diretamente o desenvolvimento da identidade e da autonomia dos estudantes. Nesse contexto, a escola assumiu papel central como espaço de mediação, acolhimento e fortalecimento do processo identitário.

RESULTADOS

Os resultados evidenciaram, de forma significativa, a importância da ação para o fortalecimento identitário dos estudantes participantes. No momento diagnóstico inicial, constatou-se grande dificuldade dos alunos em responder a questões simples relacionadas à autoidentificação, como preferências pessoais, sonhos, gostos ou perspectivas futuras. Respostas vagas ou a ausência de respostas revelaram a fragilidade do processo de construção identitária vivenciado por esses sujeitos.

A partir do desenvolvimento das atividades pedagógicas, observou-se uma mudança progressiva nesse cenário. Os alunos passaram a expressar interesses, identificar habilidades, reconhecer preferências e projetar possibilidades futuras. Muitos passaram a verbalizar desejos relacionados a profissões, estudos e participação social, demonstrando avanços tanto no aspecto identitário quanto comportamental.

O envolvimento da equipe escolar foi um fator determinante para o êxito da ação. Professores contribuíram com seus conhecimentos prévios sobre os alunos, a coordenação

e a direção mobilizaram recursos materiais e organizacionais, e os profissionais de apoio atuaram diretamente no acompanhamento individualizado. Para os licenciandos envolvidos, a experiência proporcionou aprendizado prático, sensibilidade pedagógica e reflexão crítica sobre a atuação profissional em contextos de diversidade e inclusão.

CONCLUSÃO

A experiência desenvolvida permitiu compreender que a educação inclusiva é possível e efetiva quando fundamentada no reconhecimento das singularidades dos sujeitos e na disposição para conhecer, acolher e respeitar o outro em sua totalidade. O fortalecimento identitário mostrou-se um processo contínuo, que exige apoio pedagógico, incentivo constante e, sobretudo, a participação e aceitação da família, elemento fundamental na vida dos estudantes.

Ao longo da ação, foi possível perceber transformações significativas não apenas nos alunos, mas também nos familiares e profissionais envolvidos, que passaram a reconhecer o potencial do projeto como uma proposta ampliável e replicável em outros contextos escolares. As atividades demonstraram que o estímulo à autoexpressão e ao reconhecimento das diferenças contribui diretamente para a construção da identidade social e cultural dos estudantes.

Por fim, o projeto reafirma a escola como espaço central na promoção da inclusão, da cidadania e da valorização da diversidade. Ao estimular o autoconhecimento e o respeito

às diferenças, a ação contribui para a formação de sujeitos mais conscientes de si, de suas potencialidades e de seu lugar no mundo, fortalecendo, assim, os processos de memória, identidade e pertencimento no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

HAETINGER, Cleusa Santos. A identidade do aluno com deficiência na escola: percebendo o sujeito enquanto aprendiz. **Anais do Seminário Internacional de Educação (SIEDUCA)**, v. 1, n. 1, 2017.

FEIRA DA MEMÓRIA E CULINÁRIA

Edivania Costa Argentina
Fábio Júnior da Luz Barros
Francilda Barros de Santana Souza
Gustavo de Sousa Serapião
Iasmim Rodrigues Silva
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Maria Tereza Gomes Francelino Souto
Maxwell Saúde Correia da Silva
Paulo Henrique Fernandes Conceição Oliveira
Virgínia Silva Nascimento

INTRODUÇÃO

A alimentação está diretamente ligada à construção da nossa identidade e memória. Sabores, cheiros e pratos específicos são capazes de despertar lembranças de momentos vividos, pessoas queridas e tradições familiares. Foi a partir dessa compreensão que surgiu a proposta de realizar um projeto de extensão voltado para o resgate e valorização das memórias alimentares com crianças do Ensino Fundamental, culminando na realização de uma feira escolar de comidas afetivas. O objetivo do projeto foi promover a valorização das memórias afetivas e culturais dos estudantes por meio da partilha de pratos e histórias relacionadas à alimentação, fortalecendo os vínculos entre escola, família e

comunidade. Além disso, buscou-se incentivar a oralidade, o diálogo, o respeito à diversidade cultural e o sentimento de pertencimento, integrando afetividade, identidade e educação em uma prática pedagógica significativa.

A proposta se fundamenta na perspectiva de que a escola é também um espaço de escuta, acolhimento e construção de identidades. Quando os estudantes são incentivados a partilhar suas vivências e memórias, especialmente aquelas que envolvem práticas culturais cotidianas, como o ato de comer, cria-se um ambiente propício para o fortalecimento dos vínculos entre o conhecimento escolar e os saberes familiares e comunitários. A feira da culinária afetiva, portanto, foi pensada como mais do que uma simples exposição de pratos: tratou-se de um momento de valorização da pluralidade cultural que compõe o universo das crianças, de reconhecimento das narrativas que atravessam suas histórias de vida e de celebração dos afetos que sustentam os laços familiares e comunitários.

Ao colocar a comida no centro da experiência pedagógica, o projeto reafirmou a importância de práticas educativas que dialoguem com a realidade dos alunos, promovendo o encontro entre o conhecimento acadêmico e as experiências concretas que moldam sua visão de mundo.

A realização da Feira da memória culinária com alunos do Ensino Fundamental se justifica pela importância de integrar experiências afetivas e culturais ao ambiente escolar, reconhecendo o papel central que a alimentação ocupa na construção da identidade, da memória e do pertencimento. Em um contexto educacional muitas vezes centrado em conteúdos formais e descolados da realidade dos estudan-

tes, promover atividades que partem das vivências pessoais contribui para tornar a escola um espaço mais acolhedor, significativo e humanizado. Por essas razões, o projeto se mostra relevante tanto do ponto de vista pedagógico quanto do ponto de vista social e cultural, ao promover práticas educativas que dialogam com a realidade dos estudantes e contribuem para uma educação mais sensível, plural e transformadora.

A comida é mais do que um elemento biológico; ela é um signo cultural carregado de sentidos. Conforme Amon; Menasche (2008), os alimentos funcionam como linguagem, expressando valores e normas sociais por meio de suas combinações, preparos e usos. Nesse sentido, comer é também um ato de comunicação. Nesse sentido, **os autores citados acima** aprofundam essa ideia ao propondo um subtítulo para defender o conceito de “voz da comida” Amon; Menasche (2008, p.17), onde eles destacam o papel simbólico na expressão de identidades, afetos, memórias e tradições, e porque não político, como propõe o antropólogo Da Matta (1997), quando se refere a comida.

A comida se torna uma forma de contar histórias, resgatar vivências e fortalecer vínculos comunitários, mesmo em contextos de deslocamento e transformação cultural. O projeto Feira da Memória Culinária partiu dessa perspectiva para valorizar a culinária como prática afetiva e cultural. Ao incentivar a partilha de receitas, lembranças e histórias ligadas aos sabores da infância e da vida familiar, o projeto promoveu o diálogo intergeracional, o reconhecimento das identidades e a preservação das memórias coletivas.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido por meio de uma atividade prática e participativa: a realização de uma feira escolar de comidas afetivas com os alunos do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Gustavo da Costa Machado, localizada na cidade de Itabatã, Extremo Sul da Bahia. A proposta se configurou como uma ação extensionista, com caráter educativo, cultural e afetivo, voltada à valorização das memórias individuais e coletivas, visto que as memórias individuais, de acordo Halbwachs (1990), são forjadas no âmbito coletivo, estas, neste caso, relacionadas à alimentação. A atividade foi planejada e executada em parceria com a equipe pedagógica da escola e contou com a participação ativa dos alunos do Ensino Fundamental I, de uma professora responsável pela turma, além do envolvimento de familiares, que contribuíram com os pratos e as histórias associadas a eles. A organização do evento também teve o apoio de membros do projeto de extensão e da gestão escolar. A feira foi realizada no dia 08 de julho de 2025, no turno matutino, com uma carga horária de aproximadamente 1 hora. O local do evento foi o pátio da escola, que foi preparado para receber as atividades de exposição, apresentação oral e degustação dos pratos trazidos pelas crianças. O desenvolvimento da atividade ocorreu em cinco etapas:

1. Sensibilização em sala de aula: As crianças foram convidadas a pensar em uma comida especial que tivesse algum significado afetivo.

2. Mobilização familiar: Cada aluno, com o apoio de sua família, escolheu um prato que representasse uma memória ou história afetiva, preparando-o em casa e trazendo-o no

dia da feira. Os pais ou responsáveis foram orientados quanto à proposta e incentivados a participarem do momento.

3. Organização do espaço: No dia do evento, o ambiente foi preparado para acolher a feira, com a disposição dos cartazes elaborados previamente pelos alunos, nos quais estavam registradas as receitas que seriam apresentadas referente aos respectivos pratos.

4. Apresentação oral: Cada criança teve a oportunidade de apresentar para os colegas o prato escolhido e provar um pouco da cultura do outro, promovendo momentos de troca de experiências e valorização da diversidade cultural.

5. Degustação e interação: Ao final das apresentações, os alunos, professores e convidados puderam degustar os pratos, promovendo um momento de confraternização e diálogo entre os participantes.

Durante toda a atividade, foram valorizadas práticas como a oralidade, a escuta sensível, o respeito às diferenças culturais e o resgate de memórias familiares. A metodologia adotada teve como princípio o envolvimento afetivo e cultural, permitindo que a escola se tornasse um espaço de escuta e valorização das histórias dos estudantes. Além disso, a atividade possibilitou uma rica articulação entre os saberes escolares e as vivências familiares, promovendo uma educação significativa e sensível às realidades dos alunos.

RESULTADOS

O resultado esperado foi a compreensão e valorização da cultura familiar dos alunos no qual esteve presente,os

alunos foram capazes de identificar e valorizar as tradições culinárias presentes em suas famílias, reconhecendo a importância da memória afetiva ligada à comida. Cada criança conseguiu desenvolver oralmente e por escrito pequenas receitas e histórias sobre o significado destas no contexto familiar, praticando a organização das ideias e a clareza na comunicação. Aprenderam termos relacionados à culinária, utensílios de preparo da receita como, quantidade (colheres, xícaras, gramas) e a importância de seguir a receita corretamente identificando os principais ingredientes. Estimulou também nesses alunos a pesquisa e curiosidade em buscar informações junto à família sobre receitas tradicionais, promovendo a interação entre escola e familiares, participando ativamente da organização da feira, e colaborando com colegas na preparação de materiais.

Na demonstração pública eles reconheceram que diferentes famílias têm tradições culinárias variadas, respeitando e valorizando essa diversidade. Nesse contexto, eles aprenderam a fazer recursos artísticos (desenhos, cartazes, textos) para representar visualmente as receitas. Pôde refletir sobre os ingredientes usados nas receitas familiares e relacioná-los com hábitos alimentares saudáveis, e assim, compreenderam a importância de manter viva a memória e tradição culinária familiar. Portanto, esse projeto foi um canal capaz de realizar conexões com as lembranças mais importantes, e são essas memórias e costumes que o Projeto Culinária pretendeu evocar.

Desse modo, esta ação permitiu que os alunos evocassem as memórias e passassem nas receitas que são feitas em suas famílias, muitas vezes, há dezenas de anos. A experiên-

cia teve a função de ativar a memória olfativa dos alunos, através do aroma dos alimentos, assim, foi pensado a relação dos participantes do projeto com a culinária, reforçando-os com elementos da memória e do afeto.

CONCLUSÃO

A realização da Feira da Memória Culinária, ocorrida com os alunos do Fundamental I, na Escola Municipal Gustavo da Costa Machado, na cidade de Itabatã (BA), deixou evidente a importância de projetos que promovem a evocação das memórias afetivas e culturais, sendo os alunos, foco específico na alimentação, em outras palavras, traçando a história culinária das famílias locais. Ao envolver crianças nas atividades que estimularam esse compartilhamento de histórias, lembranças e tradições familiares, foi possível a criação de um espaço de valorização da diversidade cultural, sendo elas presentes no cotidiano alimentar familiar.

O envolvimento da professora e dos alunos, a dedicação na escolha dos pratos e a participação de alguns pais responsáveis demonstraram o impacto positivo da ação, trazendo uma ligação tanto do ambiente escolar quanto nas relações familiares. A feira teve sua configuração como um momento de troca de memórias e histórias afetivas, além de afeto e reflexão, reforçando o papel da extensão universitária na promoção de experiências educativas. Dessa forma, o projeto cumpriu todos os objetivos previstos no Plano de Ação e comprovou o valor da memória afetiva como uma

ferramenta pedagógica importante, capaz de fortalecer os vínculos, promover diálogos e enriquecer o processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 1, 2008.

DA MATTA, Roberto. Sobre comidas e mulheres. In: DA MATTA. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 49–64.

GUSMÃO, Laís Silveira; NERY, Maria Salete. O cozinhar na construção de identidade e de uma memória social de famílias. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, Curitiba, v. 21, n. 8, 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

RODAS DE CONVERSAS COM PESSOAS IDOSAS: MEMÓRIA, IDENTIDAD E RESISTENCIA

*Beatriz Borges Gonçalves Silva
Cristina de Jesus Santos
Ednaldo Ferreira da Silva
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Samira Damasceno Santos
Talita Jesus dos Santos
Veronica Santos Silva*

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é, ao mesmo tempo, “uma das maiores conquistas da humanidade e um dos seus principais desafios no século XXI” (Camargo; Pasinato, 2004, p 253). O prolongamento da vida humana, possibilitado pelos avanços nas áreas social, científica e sanitária, representa um importante conquista coletiva, refletindo o cuidado, o conhecimento e os esforços compartilhados ao longo das gerações. No entanto, esse processo também exige novas formas de compreender o envelhecer e de construir respostas sociais mais justas e acolhedoras às demandas dessa fase da vida (Soares., et al, 2010, p.63).

Santos (2023) embasado nos dados do Censo de 2022 do IBGE, coloca que a parcela de pessoas idosas (com 65 anos ou mais) na Bahia cresceu significativamente em doze anos, passando de 7,2% da população em 2010 para 10,6% em 2022. Essa rápida mudança demográfica coloca o estado como um dos mais envelhecidos do país e demanda iniciativas que promovam a participação ativa, a valorização das experiências e o bem-estar emocional das pessoas idosas. O crescimento da população idosa amplia a necessidade de políticas públicas nas áreas da saúde, previdência e assistência (Soares, et al, 2010), mas também convoca a sociedade a desenvolver práticas que valorizem a experiência, os afetos e os saberes acumulados ao longo do tempo. Apesar disso, muitas pessoas idosas ainda enfrentam a invisibilidade, o isolamento e o preconceito etário.

Em contextos marcados pela valorização da produtividade e da juventude, o envelhecimento é frequentemente tratado como perda, e não como transformação. Nesse cenário, histórias de vida, memórias e saberes construídos ao longo de décadas são ignorados ou deslegitimados, reforçando processos de exclusão simbólica que fragilizam os vínculos sociais e a dignidade de quem envelhece.

Nesse caso, o projeto de extensão se ancora em uma perspectiva crítica do envelhecimento, conforme discutido por autores como Ecléa Bosi (1979), que destacam a importância da memória e da escuta nas relações intergeracionais. Essa referência base, contribuiu para a compreensão do envelhecimento como um processo complexo, simbólico e socialmente situado, e orientam metodologicamente as ações do projeto. O projeto “Era Uma Vez em Nós” tem

como objetivo geral promover a valorização das memórias e saberes das pessoas idosas por meio de rodas de conversa e produção de um álbum coletivo de lembranças. Nesse contexto, o projeto de extensão Era Uma Vez, nós propomos a realização de rodas de conversas com pessoas idosas da comunidade, entendendo-as como sujeitos históricos e culturais cujas trajetórias de vida constituem fontes legítimas de conhecimento, resistência e identidade coletiva.

Esta ação busca criar espaços de escuta sensível e partilha, em que memórias possam ser contadas, sentidas e celebradas. Neste sentido, a proposta se justifica por sua relevância social, ética e formativa: promove o cuidado com as narrativas de vida, reafirma o valor das experiências acumuladas e contribui para o fortalecimento de vínculos comunitários baseados na escuta, no afeto e no reconhecimento mútuo. Ao dar voz a quem tantas vezes foi silenciado, o projeto afirma a memória como lugar de resistência e dignidade do envelhecer como território fértil de sentido e pertencimento.

No município de Teixeira de Freitas, por exemplo, a população idosa já corresponde a 9% dos habitantes (IBGE, 2022), evidenciando a urgência de práticas extensionistas que fortaleçam sua participação social. Inspirado nos princípios da extensão universitária crítica e alinhado ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável ODS 3 (Saúde e Bem-Estar). Este projeto não só realiza rodas de conversa, mas também sistematiza as narrativas em um livro de recordações coletiva, garantindo que as memórias compartilhadas se tornem patrimônio afetivo e cultural da comunidade.

METODOLOGIA

A proposta do projeto “Era Uma Vez em Nós” surgiu a partir do interesse comum do grupo em dialogar com pessoas idosas, reconhecendo a importância das memórias, histórias de vida e saberes tradicionais como formas de resistência simbólica e pertencimento coletivo. No dia 13 de junho de 2025, o grupo realizou uma chamada de vídeo para dar início à construção do projeto. Nessa reunião virtual, foram discutidas as bases teóricas da ação, a metodologia a ser adotada e as possibilidades de estruturação das rodas de conversa.

Emanuelly, integrante do grupo, foi responsável pela redação inicial do projeto e pela sistematização do referencial teórico. Beatriz contribuiu com a elaboração das atividades e das perguntas norteadoras das rodas de conversa, além de auxiliar na articulação com os participantes. Samira também colaborou com sugestões de temas para os encontros e teve a ideia de criar um álbum de memórias como produto final da ação, reunindo os registros das narrativas compartilhadas durante o projeto. As decisões foram tomadas de forma coletiva, em diálogo constante entre o grupo por meio de reuniões virtuais e conversas por *Whatsapp*.

A proposta foi apresentada ao coordenador da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), vinculada à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que acolheu a iniciativa e facilitou o contato com o público-alvo. A partir desse diálogo, entre a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e a UNEB, foram definidos os dias, horários e dinâmicas dos encontros.

A metodologia adotada neste projeto se fundamenta nos princípios da extensão universitária crítica, que propõe uma relação dialógica entre universidade e comunidade, baseada na escuta, na troca de saberes e na valorização das experiências vividas pelos sujeitos sociais. A escolha por rodas de conversa como principal estratégia metodológica se justifica pela natureza participativa, afetiva e horizontal desse formato, que possibilita a escuta sensível, a partilha de memórias e o fortalecimento de vínculos coletivos. O público escolhido para a ação foram pessoas idosas de Teixeira de Freitas, considerando o crescente envelhecimento populacional do município e a necessidade de promover espaços de valorização, escuta e pertencimento para esse grupo.

A proposta buscou reconhecer as pessoas idosas como sujeitos de direito, memória e história, cujas trajetórias de vida constituem patrimônios afetivos e culturais fundamentais para a coletividade. O local selecionado para a realização dos encontros foi o campus da UNEB, onde funciona a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI). A escolha desse espaço se deu pelo fato de a UATI já desenvolver oficinas direcionadas à terceira idade e contar com um público significativo de pessoas idosas engajadas em atividades formativas e culturais.

Após diálogo com o coordenador responsável pela UATI, foi possível estabelecer uma parceria institucional que viabilizou logisticamente a realização das rodas de conversa no campus. Em reunião realizada com o coordenador Gean Paulo, da UNEB, estiveram presentes as estudantes Emanuely e Verônica. Nesse momento, foram discutidos pontos fundamentais para a realização das rodas de conver-

sa, como o cronograma das atividades, os cuidados éticos necessários e as orientações sobre a construção de vínculos de confiança com o público-alvo. O coordenador enfatizou a importância de manter o grupo reduzido, considerando que um número muito grande de participantes poderia inibir as pessoas idosas e dificultar a criação de um ambiente acolhedor e propício ao compartilhamento de experiências.

Com base nessa orientação, as integrantes definiram que apenas Emanuely e Verônica participassem diretamente da condução das rodas de conversa, garantindo maior proximidade e escuta sensível. Na mesma ocasião, o coordenador colaborou com a apresentação do projeto às idosas interessadas e apoiou a organização dos contatos daquelas que manifestaram desejo de participar da ação. Ficaram estabelecidas as seguintes datas e horários para os encontros: 23 de julho de 2025 e 30 de julho de 2025, das 14h às 15h30, com carga horária total de 3 horas. Além disso, foram combinadas diretrizes sobre os cuidados com o tipo de linguagem utilizada, a escuta ativa, o respeito aos limites emocionais das participantes e a forma como os relatos seriam registrados, sempre com sensibilidade, ética e compromisso com a dignidade das narradoras - os idosos.

Entre os dias 20 e 22 de julho de 2025, o grupo se reuniu para discutir os detalhes da primeira roda de conversa. Nessa ocasião, foi decidido coletivamente que, devido ao atraso na execução do cronograma, o número de encontros seria reduzido, e a roda de conversa teria como tema central: “Contos de Antigamente — Histórias que o tempo guardou”. O objetivo dessa roda foi criar um espaço para que as pessoas idosas compartilhassem histórias, lendas e causos

que ouviram ou contaram quando eram crianças, valorizando a tradição oral, a imaginação e os saberes populares que, de acordo Barros (2021), fazem parte da memória coletiva de determinado grupo social.

A proposta consistia em convidar cada participante a lembrar de alguma história que escutava na infância, contadas por pais, avós, vizinhos ou amigos fossem “causos”, lendas locais, histórias engraçadas, assustadoras ou mesmo ensinamentos. Também foi definido, nesse mesmo período, que ao final das rodas seria oferecido um lanche como forma de acolhimento e encerramento afetivo das atividades. Todos os sete integrantes do grupo colaboraram com a organização do lanche, respeitando as restrições alimentares informadas pelo público-alvo.

No dia 23 de julho de 2025, foi realizada a primeira roda de conversa, contando com a participação das estudantes Emanuely e Verônica. As integrantes ficaram responsáveis pela organização dos lanches e pela divisão das funções durante o encontro, definindo previamente quem faria a abertura da roda, e quais perguntas seriam utilizadas para estimular o diálogo. A roda de conversa teve duração de aproximada de 1h30 e foi conduzida de forma colaborativa pelas estudantes, que se revezaram na mediação das falas, na escuta das histórias e no registro das memórias compartilhadas. As conversas foram orientadas por perguntas norteadoras e voltadas à evocação de lembranças afetivas e à valorização da participação espontânea do grupo. Os relatos foram registrados em anotações escritas e, em momento propício, foram integrados ao álbum de memórias elaborado pelo grupo.

Durante a roda de conversa, as estudantes responsáveis pela mediação anotaram cuidadosamente as falas das participantes, priorizando a fidelidade às expressões utilizadas, ao tom afetivo das lembranças e aos detalhes simbólicos compartilhados. As anotações foram feitas de forma respeitosa e não invasiva, garantindo que o fluxo da conversa não fosse interrompido, e que os participantes se sentissem seguros e acolhidos ao narrar suas histórias. Essas anotações formaram a base para a construção do álbum de memórias, um material sensível e coletivo que reunirá trechos das histórias contadas e fotos dos encontros. O objetivo do álbum foi valorizar a voz das pessoas idosas, preservar suas narrativas e criar um legado simbólico que fortaleça os vínculos entre memória, identidade e comunidade. Esse material foi organizado de forma cuidadosa, respeitando o anonimato quando solicitado e sempre com o consentimento prévio das participantes, conforme os princípios éticos do projeto.

No dia 30 de julho de 2025, foi realizada a segunda roda de conversa do projeto, com o tema “Namorar Era Assim: lembranças de um tempo de cartas, olhares e esperas”. O encontro teve duração aproximada de 1h30, das 14h às 15h30, e contou com a presença das estudantes Emanuely e Beatriz e Verônica, responsáveis pela organização, acolhimento e mediação da roda. Assim como na roda de conversa anterior, todos os relatos foram registrados por gravação de áudio.

Durante o encontro, as mediadoras conduziram a conversa com base em perguntas norteadoras previamente definidas, como: “Como vocês conheceram a pessoa com quem namoram?”, “Como era a paquerar?”, “Tinha que pe-

dir permissão aos pais?”, “Como se comunicavam?”, “Havia músicas que marcaram o namoro?” e “Vocês acreditam que o namoro era mais difícil ou mais bonito que hoje?”. As respostas revelaram lembranças atravessadas por romantismo, timidez, normas sociais rígidas e também por momentos cômicos e criativos, despertando risos, identificação e emoção entre as participantes.

Foram compartilhadas histórias sobre namoros vigiados pelos pais, declarações feitas por meio de cartas e bilhetes, encontros nas portas das casas, bailes, noivados e casamentos. As participantes também mencionaram músicas que marcaram suas relações, gestos de carinho e provas de amor simbólicas. Em muitos relatos, foi possível perceber a diferença entre as formas de se relacionar no passado e no presente, o que gerou reflexões espontâneas e comparações bem-humoradas entre gerações. Ao final da roda de conversa, como planejado, foi oferecido um lanche coletivo, respeitando as restrições alimentares das participantes.

As falas das participantes foram registradas em anotações escritas pelas estudantes, preservando os detalhes afetivos, os modos de dizer e as expressões utilizadas durante os relatos. Esses registros integrarão o álbum de memórias em construção, que reunirá fragmentos de histórias de vida compartilhadas ao longo do projeto.

RESULTADOS

Cumprimento do Cronograma no período / Resultados atingidos / Disseminação dos resultados, Aspectos Po-

sitivos, Dificuldades encontradas. Embora o grupo tenha enfrentado alguns atrasos nas etapas iniciais do projeto, especialmente relacionados à definição do local das atividades, confirmação dos participantes e finalização do planejamento das rodas de conversa, foi possível reestruturar o cronograma. A readequação do cronograma permitiu que a proposta fosse executada com qualidade e sensibilidade, respeitando o tempo do grupo e as condições do público-alvo. A primeira roda de conversa foi realizada nos dias 23 e 30 de julho de 2025, na Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), no campus da UNEB em Teixeira de Freitas.

A realização da primeira roda de conversa marcou um avanço significativo no desenvolvimento do projeto “Era Uma Vez em Nós”, cumprindo seu objetivo central de criar um espaço de partilha afetiva e valorização dos saberes e memórias das pessoas idosas. A atividade possibilitou que as participantes compartilhassem contos, causos e histórias tradicionais que marcaram suas infâncias e trajetórias, preservando a tradição oral e fortalecendo os laços com sua identidade cultural.

Embora o foco principal fosse a partilha de histórias transmitidas por mães, pais e tios, as participantes se abriram com muita facilidade, relatando também experiências pessoais e histórias de vida que, embora não fossem o tema central, enriqueceram a conversa. Esse compartilhamento espontâneo contribuiu para um ambiente de confiança, onde a lembrança da infância despertou memórias diversas, incluindo atividades que realizavam, momentos engraçados e situações curiosas vividas na juventude.

Inicialmente, a proposta previa que as participantes registrassem suas histórias por escrito em pequenos papéis,

a serem sorteados durante a roda. No entanto, respeitando o desejo do grupo, a dinâmica foi adaptada, às participantes preferiram compartilhar suas histórias oralmente, sem a necessidade de escrever. Como o público era composto por oito participantes, foi possível manter um ambiente acolhedor, no qual todas puderam se expressar com liberdade, sendo escutadas atentamente pelas estudantes mediadoras e pelas demais presentes.

Essa adaptação tornou a roda de conversa mais espontânea e acolhedora, permitindo que as histórias fossem compartilhadas de forma natural, com emoção, risos e lembranças significativas. As estudantes registraram cuidadosamente os relatos durante o encontro, que foram posteriormente organizados em um álbum de memórias. Esse material funcionará como produto final do projeto, valorizando as vozes e as experiências das participantes.

Entre os aspectos positivos, destacam-se a disposição das participantes em contribuir com o projeto, a abertura emocional com que narraram suas experiências, a leveza e o bom humor presentes nas rodas e a qualidade do vínculo estabelecido entre estudantes e pessoas idosas.

Em relação a dificuldades destacamos a gestão do tempo e da escuta, já que todas as participantes demonstraram entusiasmo em compartilhar suas histórias. Ouvir cada uma com a devida atenção, sem que outra interrompesse ou começasse a contar simultaneamente, exigiu bastante cuidado das mediadoras. Foi necessário mediar o fluxo da conversa com delicadeza, respeitando o desejo de falar de todas e, ao mesmo tempo, garantindo que os registros fossem feitos com clareza e fidelidade. Em alguns momentos, foi difícil

registrar uma história com detalhes enquanto outra participante já iniciava sua própria narrativa, o que demandou atenção redobrada das estudantes para não perder partes importantes dos relatos.

Ainda assim, tais desafios reforçaram a importância da escuta sensível e do ambiente de acolhimento criado, pois, mesmo diante dessas dificuldades, o desejo coletivo de partilha e escuta mútua prevaleceu. As participantes se mostraram compreensivas e respeitosas entre si, o que tornou possível contornar essas situações com leveza e empatia.

CONCLUSÃO

Cumprimento dos objetivos da ação e alinhamento com os objetivos do projeto maior do CCEX, Sugestões / outras observações. A ação desenvolvida no âmbito do projeto “Era Uma Vez em Nós” cumpriu com parte de seus objetivos, ao criar um espaço dialógico, afetivo e respeitoso para o compartilhamento de memórias e saberes de pessoas idosas. As rodas de conversa realizadas possibilitaram a escuta sensível de narrativas de vida marcadas por experiências afetivas, culturais e sociais, reafirmando o valor da memória como dimensão essencial da identidade e da cidadania.

A proposta esteve alinhada aos princípios da extensão universitária crítica, ao promover a integração entre universidade e comunidade, com base na valorização dos saberes populares, no respeito à diversidade e na construção coletiva do conhecimento. As atividades desenvolvidas reafirmam a

importância de projetos que promovam o reconhecimento das pessoas idosas como sujeitos de direito, memória e história.

A escuta das participantes revelou a potência das narrativas como forma de resistência simbólica, pois, ao compartilharem suas memórias, as idosas reafirmaram experiências de vida que, muitas vezes, foram invisibilizadas e silenciadas ao longo do tempo. O simples ato de narrar de ser ouvido com atenção, sem pressa, sem julgamento transforma a palavra em ferramenta de afirmação de si, de sua história e de seus valores. Nesse contexto, lembrar e contar não é apenas reconstituir o passado, mas atualizar sentidos, reconstruir pertencimentos e reivindicar dignidade.

A escuta das participantes revelou a potência das narrativas como forma de resistência simbólica, e evidenciou o quanto o espaço da palavra pode ser transformador, não apenas para quem fala, mas também para quem ouve. A mediação cuidadosa e o registro respeitoso das falas contribuíram para a construção de um ambiente seguro, onde as participantes se sentiram acolhidas, valorizadas e pertencentes.

Como sugestão, propõe-se a ampliação do número de encontros, a inclusão de atividades intergeracionais com estudantes da educação básica ou outras faixas etárias e a sistematização da metodologia utilizada, de modo a contribuir com outras ações extensionistas que atuem com temáticas relacionadas à memória, envelhecimento e educação popular. Também seria relevante estabelecer parcerias com outras instituições voltadas à população idosa, fortalecendo a rede de apoio e os espaços de participação social desse grupo.

Por fim, destaca-se a relevância do projeto não apenas como ação pontual, mas como experiência formativa para as estudantes envolvidas, que puderam exercitar, na prática, os princípios da escuta ética, do cuidado com o outro. O projeto deixa como legado um conjunto de memórias vivas que resistem ao esquecimento e reafirmam a importância de lembrar e de ser lembrado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rubya Mara Munhóz de; MOROSINI, Marília Costa; WIEBUSCH, Eloisa Maria. Desafios contemporâneos da extensão universitária: da invisibilidade à curricularização. In: **X CONGRESSO IBERO AMERICANO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA – CIDU**, 10., 2018, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: [s.n.], 2018. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/cidu/assets/edicoes/2018/arquivos/177.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2025.

BARROS, Fábio Júnior da Luz. **Memória, festa de Santo, território e alianças políticas**: uma etnografia do quilombo do Pratigi (BA). Dissertação (Mestrado em Estado e Sociedade) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2021.

BEZERRA, Ana Raquel da Rocha. Contribuições da pedagogia freireana à roda de conversa sobre textos literários. In: **Colóquio Internacional Paulo Freire**, 8.,

ano 2013. Disponível em: <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/view/204/219>. Acesso em: 23 dez. 2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Teixeira de Freitas (BA) – Panorama. **Cidades@: IBGE**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/teixeira-de-freitas/panorama>. Acesso em: 23 dez. 2025.

SANTOS, Iamany. Censo IBGE: população de idosos na Bahia aumentou quase 50% em 2022. **iBahia**, Salvador, 27 out. 2023. Disponível em: <https://www.ibahia.com/cotidiano/cidadania/censo-ibge-populacao-de-idosos-na-bahia-aumentou-quase-50-em-2022-307767>. Acesso em: 23 dez. 2025.

SANTOS, Pedro Fernando; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. Histórias que educam: dos velhos do quilombo à formação para a juventude, memória, saberes, tradição. **Roteiro**, v. 44, n. 2, 2019.

SOARES, Edvaldo; OLIVEIRA, Tamara Pereira de; KOMATSU, Patrícia Sayuri; DEMARTINI, Stella Maira;

SUZIKI, Michele Mita; RODRIGUES, Mirela Mendes; REIS, Érica Gonçalves dos; HORIMOTO, Alessandra Tiemi. Projeto Memória e Envelhecimento: capacitando profissionais e aprimorando aspectos cognitivos em idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 7, n. 1, 2010.

ARRAIÁ DAS LEMBRANÇAS: EVOCANDO MEMÓRIAS JUNINAS NO CENTRO DE IDOSOS – ITAMARAJU – BA

*Caroline Afonso da Silva
Fabrício de Souza Gomes
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Milena Gonzaga Santos
Regina Pires Nicasse
Tamires Santos Rodrigues Sales*

INTRODUÇÃO

A ação de extensão “Arraiá das Lembranças: Rememorando Memórias Juninas no Centro de Idosos” foi desenvolvida com o intuito de valorizar os saberes populares e promover a aproximação entre a universidade e a comunidade idosa de Itamaraju, por meio da cultura nordestina. Desse modo, a escolha das festas juninas como temática principal se justifica por seu forte vínculo com a identidade cultural local e com a memória afetiva dos participantes, especialmente entre os idosos. Diante disso, o projeto buscou criar um espaço de escuta, e o estímulo à participação foram elementos essenciais para o desenvolvimento da atividade de

acolhimento e partilha, reforçando a importância das tradições como instrumento de conexão e cuidado.

O embasamento da ação parte da ideia proposta por Barros (2021) em uma etnografia no quilombo do Pratigi, Baixo Sul da Bahia. Para o autor citado, a cultura popular (festas) dá forma e legítima um povo ou comunidade, ou seja, isso faz eles continuarem sendo da mesma forma por séculos, isso se constitui, a partir do território onde eles estão inseridos, tendo como delineamento a memória como elemento central. Autora como Ecléa Bosi (1994), ver a memória um elemento essencial na construção da identidade dos sujeitos e Paulo Freire (1987), contribuem para refletir sobre a importância da escuta e da valorização das memórias no processo educativo, especialmente no contexto do envelhecimento e da cultura popular. Já Boaventura de Sousa Santos reforça o papel social da universidade no reconhecimento dos saberes locais como forma legítima de produção de conhecimento, sendo um dos meios, a escuta ativa e o respeito às trajetórias de vida.

O objetivo principal da ação, destaca-se: promover a evocação de memórias juninas entre os idosos e estimular o diálogo entre gerações valorizando o conhecimento popular e fortalecendo os vínculos entre universidade e comunidade. Além disso, o projeto buscou contribuir com o bem-estar dos participantes por meio de experiências culturais afetivas e inclusivas. A proposta está alinhada ao projeto do CCEX 2025.1 - Memórias e Identidades Culturais em Práticas de Extensão Universitária, ao reconhecer a memória como um patrimônio vivo e ao propor ações que estimulem a reflexão sobre identidades e saberes locais. A iniciativa

contribuiu para a integração entre o ensino superior e os sujeitos sociais da região, reafirmando o papel da extensão como ponte entre o conhecimento acadêmico e as vivências da comunidade.

METODOLOGIA

A ação extensiva desenvolveu-se em três momentos principais: observação, apresentação do projeto e prática do projeto, todos voltados ao desenvolvimento de pesquisas e à elaboração da aplicação final. Inicialmente, houve um contato prévio presencial no local, com o objetivo de estabelecer parceria, obter autorização para iniciar as etapas e coletar informações sobre os horários de funcionamento da instituição.

A primeira etapa consistiu na observação da rotina de atividades dos idosos. Essa observação ocorreu no dia 29/04/2025, das 13h00 às 16h00. Durante esse período, os participantes estavam agrupados em círculo, e a programação do dia foi organizada de forma progressiva: começou com uma oração religiosa, seguida de uma leitura compartilhada de uma pequena história reflexiva, em que a página era escolhida por sorteio de um número aleatório.

Em seguida, foi realizada uma atividade física com a professora de capoeira, que ensinou exercícios a serem repetidos pelos idosos, promovendo movimento, coordenação e interação. Ao final dessa atividade, os participantes foram distribuídos por mesas com propostas de artesanato

e costura, onde cada um pôde desenvolver atividades manuais, promovendo sociabilidade e habilidades práticas.

No segundo momento, realizado em 13/05/2025, foi feita a apresentação formal do projeto antes da atividade física. Participaram dessa etapa dois discentes responsáveis pelo componente mencionado, juntamente com as duas colaboradoras. Nessa ocasião, foram apresentados os principais elementos do plano, previamente elaborados de forma colaborativa via WhatsApp e organizados no documento compartilhado, com a participação de todos os integrantes do projeto. Foram expostos: os objetivos gerais, o conceito de projeto de extensão, a relação entre os componentes curriculares de extensão e o projeto, o vínculo do projeto com as artes e, ao final, foram feitas algumas perguntas reflexivas aos participantes.

O último momento ocorreu no dia 10/06/2025, com a aplicação prática do projeto, marcada pela interação recíproca entre os extensionistas e o público idoso. Neste encontro, uma colaboradora vinculada a outro componente curricular de extensão contribuiu com a inserção de práticas de linguagem, que foram executadas ao final das atividades, destacando a interdisciplinaridade entre as áreas de conhecimento e a importância de atender aos objetivos específicos de cada componente, como a leitura oral e o compartilhamento de memórias.

A etapa de aplicação foi organizada conforme as afinidades e competências dos integrantes do grupo. Por exemplo: as discentes Regina e Raine ficaram responsáveis pelas histórias, Tamires pela recitação de poemas e cordéis, Milena pelas letras de músicas e Fabrício pelas imagens, enquan-

to Carol ficou encarregada de preparar as músicas para que os idosos pudessem dançar. Ao término das atividades, foi planejado um momento de confraternização, no qual cada integrante trouxe uma comida típica, considerando que muitos idosos poderiam ter condições como diabetes, o que orientou a escolha de alimentos mais adequados para o público atendido.

APLICAÇÃO DO PROJETO

No dia 10/06/2025, a ação deu início às 13:00 horas, começando pela apresentação das discentes Carol, Milena, Regina e Raiane, que iniciaram contando uma história. Fabrício e Tamires chegaram em seguida com o projetor para a apresentação dos slides. Neste momento, a professora de exercício pediu uma pausa para a atividade específica do centro de convivência dos idosos, que consistiu em exercícios de alongamento. Após a finalização dessa atividade, retornamos à apresentação, dando continuidade com as histórias. Em seguida, houve a apresentação com poemas e cordéis, entre eles um autoral da discente Tamires, desenvolvido especialmente para o dia da ação. Após isso, Milena seguiu com as letras musicais, e Fabrício apresentou as imagens de roupas juninas atuais, de antigamente e as ornamentações típicas da época.

No decorrer das apresentações aconteceu uma roda de conversa com os idosos, na qual eles participavam voluntariamente, cantando, recitando poemas e falando sobre

as memórias do São João antigamente. Finalizando o bate-papo, Carol colocou as músicas para os idosos dançarem. Enquanto isso, organizamos as cadeiras e as mesas para o momento do lanche. Houve um momento de interação com a confecção de um cartaz, feito em conjunto com Caroline e Raiane. A atividade envolveu a parte lúdica de pintar as mãos com tintas e carimbar no cartaz. A maioria dos idosos pintou; um ou outro optou por não participar, ficando assim a preferência de cada um.

Organizamos a mesa com as comidas típicas e servimos os idosos, juntamente com o auxílio da coordenadora e outras voluntárias do local, todos em seus respectivos lugares de forma educada e organizada. Sendo assim, a ação foi finalizada com a retirada dos utensílios sujos, o recolhimento do lixo e a organização das cadeiras e mesas. Houve, então, o agradecimento à coordenadora e a todos os envolvidos, sendo a gratidão expressa reciprocamente pela coordenadora em relação aos discentes, deixando aberto um convite para próximas oportunidades, caso elas venham a acontecer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação de extensão “Arraiá das Lembranças: Resgatando Memórias Juninas no Centro de Idosos” foi executada integralmente conforme o cronograma proposto, com início em maio de 2025 e culminância no período junino. O projeto foi organizado em três etapas articuladas — apresentação e diagnóstico, desenvolvimento das atividades e avaliação

final — o que garantiu uma condução metodológica progressiva e coerente com os objetivos estabelecidos.

O encontro inicial, realizado em 13 de maio de 2025, teve como finalidade apresentar a proposta aos idosos participantes e levantar expectativas, interesses e conhecimentos prévios relacionados à cultura junina. As perguntas diagnósticas permitiram identificar memórias musicais, práticas culinárias, vivências festivas e sugestões temáticas, orientando o planejamento das atividades subsequentes de forma sensível às experiências do grupo.

A fase de desenvolvimento das atividades destacou-se pela utilização de múltiplas linguagens culturais. A contação de histórias, baseada em narrativas previamente elaboradas pela equipe, mostrou-se uma estratégia eficaz para despertar memórias afetivas e promover identificação com as tradições juninas, especialmente aquelas relacionadas à infância, ao trabalho rural e às festas comunitárias.

A programação musical, composta por canções de artistas consagrados do repertório nordestino, atuou como um potente elemento evocador de lembranças. As músicas funcionaram como mediadoras do diálogo, estimulando relatos espontâneos sobre bailes, quadrilhas, encontros afetivos e celebrações religiosas, reforçando a dimensão sensorial da memória.

O uso de poemas e cordéis, tanto tradicionais quanto autorais, ampliou a abordagem cultural e possibilitou reflexões sobre a diversidade de formas de expressão da tradição junina. Essa pluralidade de vozes favoreceu a valorização do conhecimento popular e permitiu que os idosos reconhecessem suas próprias experiências como parte legítima da produção cultural.

No que se refere ao objetivo geral do projeto, observou-se que a ação extensionista cumpriu o papel de aproximar a universidade da comunidade externa de maneira dialógica. Os idosos passaram de uma postura inicialmente receptiva para uma participação ativa e propositiva, compartilhando narrativas pessoais e contribuindo diretamente para a construção coletiva do conhecimento.

Quanto aos objetivos específicos, o despertar de memórias e o fortalecimento de vínculos afetivos foram evidentes. As atividades promoveram socialização, estimularam a oralidade e fortaleceram a autoestima dos participantes, que se reconhecem como sujeitos portadores de saberes históricos e culturais relevantes para a comunidade.

As reflexões sobre tradição e transformação cultural também se destacaram. Os relatos permitiram identificar continuidades e mudanças nas festas juninas ao longo do tempo, revelando uma leitura crítica dos processos culturais vivenciados pelos idosos, o que reforça o potencial das memórias como fonte de análise social e histórica.

Entre os aspectos positivos, sobressaíram o elevado engajamento dos participantes, a pertinência da temática cultural escolhida e a contribuição da experiência para a formação acadêmica dos estudantes. A ação favoreceu o desenvolvimento de habilidades como escuta sensível, comunicação interpessoal, trabalho em equipe e responsabilidade social.

Apesar dos resultados expressivos, foram identificadas dificuldades relacionadas à infraestrutura, ao gerenciamento do tempo e à limitação de recursos financeiros. Ainda assim, tais desafios não comprometeram a execução da pro-

posta e serviram como aprendizado para o aprimoramento de futuras ações, evidenciando o potencial de continuidade e replicação do projeto em outros contextos comunitários.

CONCLUSÃO

A ação de extensão “Arraiá das Lembranças: Resgatando Memórias Juninas no Centro de Idosos” alcançou de maneira expressiva os objetivos propostos, configurando-se não apenas como uma atividade cultural pontual, mas como uma vivência extensionista profundamente marcada pela escuta sensível, pela troca de saberes e pela construção coletiva de memórias. A proposta evidenciou o potencial da extensão universitária como espaço de encontro entre universidade e comunidade, no qual o conhecimento acadêmico dialoga, de forma horizontal, com os saberes populares.

Ao longo dos encontros, observou-se o envolvimento genuíno dos idosos participantes, que compartilharam lembranças permeadas por emoção, orgulho e afetividade. Os relatos sobre festas juninas vivenciadas em décadas passadas possibilitaram uma verdadeira travessia temporal, entrelaçada por músicas, danças, sabores e práticas culturais que constituem a identidade nordestina. Esses momentos demonstraram como a memória, quando acionada de forma respeitosa e criativa, torna-se fonte de pertencimento, reconhecimento e fortalecimento identitário.

Paralelamente, a experiência proporcionou aos discentes uma aproximação concreta com o papel social da uni-

versidade, ampliando sua sensibilidade frente às histórias de vida da população idosa, frequentemente invisibilizadas nos espaços acadêmicos. A interação intergeracional favorece aprendizagens que extrapolam os conteúdos curriculares, contribuindo para a formação humana, ética e cidadã dos estudantes envolvidos.

A ação mostrou-se plenamente alinhada às diretrizes do CCEX “*Memórias e Identidades Culturais em Práticas de Extensão Universitária*”, ao reconhecer a memória como um patrimônio imaterial vivo, dinâmico e coletivo. A abordagem interdisciplinar adotada permitiu a articulação de diferentes áreas do conhecimento em torno de um objetivo comum: criar um espaço acolhedor no qual a cultura popular fosse não apenas rememorada, mas vivenciada e celebrada em sua pluralidade.

Destaca-se, ainda, a sensibilidade dos discentes na adaptação da linguagem, das metodologias e das atividades às especificidades do público idoso, respeitando seus ritmos, limites e preferências. A escolha criteriosa das músicas, narrativas, imagens e poemas, bem como a atenção dedicada aos momentos de convivência, como o lanche coletivo, evidenciam um compromisso ético com uma prática extensionista responsável, humanizada e comprometida com o cuidado.

Entre os desafios identificados, ressalta-se a limitação temporal para o desenvolvimento da ação, que poderia ter sido mais extensa, possibilitando uma preparação ainda mais colaborativa com a equipe do Centro de Convivência e maior continuidade das atividades. Ademais, restrições relacionadas à infraestrutura física e tecnológica exigiram

constantes adaptações por parte do grupo, demandando criatividade e flexibilidade na condução das propostas.

Diante dos resultados alcançados, recomenda-se a continuidade e a ampliação de iniciativas semelhantes, por meio da criação de ciclos culturais ao longo do ano, fortalecendo os vínculos entre universidade e território. Sugere-se, igualmente, a produção de registros escritos, fotográficos e audiovisuais que possam ser compartilhados com os próprios participantes, contribuindo para a valorização de suas histórias e para a produção de novas memórias coletivas. Por fim, reafirma-se o caráter transformador da extensão universitária quando orientada por princípios como a escuta ativa, o respeito às culturas locais e o compromisso social. A experiência desenvolvida deixou marcas significativas nos sujeitos envolvidos, evidenciando que promover memórias é, sobretudo, promover dignidade, afeto e vida.

REFERÊNCIAS

BARROS, Fábio Júnior da Luz. **Memória, festa de Santo, território e alianças políticas: uma etnografia do quilombo do Pratigi (BA)**. Dissertação (Mestrado em Estado e Sociedade) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2006.

TRAJETÓRIAS DE VIDA E EDUCAÇÃO: ESCUA, ACOLHIMENTO E VALORIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EPJAI

*Ana Caroline Lima
Carlos Filipi Moreira
Daiane oliveira de Souza
Franciele Cruz Rodrigues
Fábio Junior da Luz Barros
Gabrielli dos Santos Dutra
Guilherme Ramos Vieira
Gustavo de Sousa Serapião
Kelson Talles de Jesus Meireles
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo*

INTRODUÇÃO

A ação de extensão desenvolvida teve como propósito central promover o acolhimento, a escuta sensível e a valorização das trajetórias escolares e de vida dos estudantes da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI), reconhecendo-os como sujeitos históricos, portadores de saberes e experiências construídas ao longo de percursos marcados por interrupções, resistências e retomadas. Alinhada ao projeto maior do CCEX, a proposta partiu da compreensão de que a escola, especialmente no contexto da EJA, deve

se constituir como um espaço de reconhecimento, diálogo e reconstrução de sentidos, no qual as histórias individuais sejam compreendidas como parte fundamental do processo educativo.

Nesse sentido, a ação fundamentou-se nos princípios da pedagogia freireana, que compreende a educação como um ato essencialmente humano, político e dialógico. Para Freire (1996), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, o que implica reconhecer que os estudantes da EJA não chegam à escola como sujeitos vazios, mas carregam consigo conhecimentos, valores e vivências que precisam ser considerados e integrados ao processo de aprendizagem. Assim, a escuta atenta e o diálogo horizontal constituíram elementos centrais da metodologia adotada, possibilitando a construção de um ambiente educativo mais acolhedor e significativo.

As atividades propostas priorizaram práticas dialógicas, afetivas e interativas, buscando estimular reflexões sobre as trajetórias pessoais, os desafios enfrentados ao longo do percurso escolar e as expectativas em relação ao futuro. Conforme destaca Freire (1987), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão”, o que reforça a importância de processos educativos baseados na troca, no reconhecimento mútuo e na construção coletiva do conhecimento. Nesse contexto, a ação extensionista atuou como mediadora de encontros entre saberes acadêmicos e saberes da experiência, fortalecendo vínculos e promovendo o sentimento de pertencimento dos estudantes ao espaço escolar.

Ao valorizar as narrativas de vida dos sujeitos da EJA, a ação buscou também contribuir para o fortalecimento da

autoestima, da identidade e da permanência escolar, compreendendo a educação como um instrumento de transformação social. Como aponta Freire (2001), a educação deve possibilitar aos sujeitos a leitura crítica de sua própria realidade, permitindo que reconheçam suas trajetórias não como fracassos individuais, mas como expressões de desigualdades históricas e sociais. Dessa forma, a ação reafirma o papel da extensão universitária como prática comprometida com a justiça social, a inclusão e a construção de projetos de vida mediados pelo conhecimento e pela esperança.

METODOLOGIA E ATIVIDADES REALIZADAS

O planejamento da ação extensionista teve início a partir da definição do público-alvo: estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujas trajetórias educacionais são frequentemente atravessadas por interrupções, desafios sociais, emocionais e familiares. Optou-se pela realização da ação no Colégio Estadual Professor Rômulo Galvão (CEPROG), localizado no município de Teixeira de Freitas–BA, por se tratar de uma instituição pública que mantém turma ativa de EJA e apresenta abertura institucional para projetos voltados à escuta, ao acolhimento e à valorização das histórias de vida dos estudantes.

A metodologia adotada fundamentou-se em práticas dialógicas e interativas, inspiradas nos princípios da pedagogia freireana, priorizando a escuta ativa, a afetividade, o diálogo horizontal e o reconhecimento da experiência de

vida dos participantes como elemento central do processo educativo. Partiu-se do entendimento de que os estudantes da EJA devem ser reconhecidos como sujeitos históricos e protagonistas de suas próprias narrativas, o que exige abordagens pedagógicas sensíveis às suas vivências, ritmos e singularidades.

A equipe responsável pela ação foi composta por sete licenciandos da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), aproximadamente 18 estudantes da EJA participaram das ações, número considerado adequado à proposta metodológica, que exigia escuta atenta, trocas mais íntimas e espaço para participação individualizada.

A execução da ação iniciou-se com visitas institucionais à escola, realizadas nos dias 29 e 30 de maio de 2025, com o objetivo de apresentar a proposta à gestão escolar e consolidar a parceria. No dia 04 de junho, foi realizada uma reunião com a coordenação pedagógica para validação do plano de ação e alinhamento das atividades ao contexto da turma. O primeiro encontro com os estudantes ocorreu em 05 de junho de 2025, por meio de uma roda de conversa voltada ao acolhimento e à apresentação da equipe. Nesse momento, os estudantes foram convidados a compartilhar suas trajetórias de vida e os motivos que levaram à interrupção dos estudos. Relatos marcantes, como os de Marly, Gleicy e Andreia, evidenciaram experiências relacionadas à gravidez precoce, problemas de saúde e questões emocionais. Esses relatos foram acolhidos com respeito e empatia, reforçando a importância da escuta como prática educativa.

Ainda nesse encontro, foi realizada a dinâmica “Quem é

mais?”, cujo objetivo foi estimular a interação, o reconhecimento mútuo e o fortalecimento da autoestima dos participantes. A atividade possibilitou que os estudantes destacassem qualidades uns dos outros, promovendo um ambiente de valorização coletiva. Ao final da dinâmica, a estudante Marly foi reconhecida com maior número de destaques positivos, simbolizando o fortalecimento de sua autoestima e protagonismo no grupo.

No dia 10 de junho de 2025, foi desenvolvida uma oficina de construção da linha do tempo da trajetória escolar, na qual os estudantes utilizaram colagens, recortes e registros escritos para representar momentos significativos de seus percursos educacionais. A atividade favoreceu reflexões sobre o passado e o presente, estimulando a compreensão da retomada dos estudos como um processo de resistência e reconstrução de projetos de vida. Já no encontro do dia 12 de junho, os estudantes foram convidados a escrever cartas destinadas ao seu “eu do passado”, compartilhando conselhos, desejos e palavras de encorajamento. A atividade foi precedida pela dinâmica “Espelho na Caixa”, na qual cada participante se deparava com sua própria imagem e respondia à pergunta: “Se você pudesse voltar no passado, que conselho daria a essa pessoa?”. O momento foi marcado por forte envolvimento emocional, sensibilidade e, ao mesmo tempo, leveza, encerrando-se com um sorteio simbólico de uma caixa de bombons.

No dia 26 de junho de 2025, foram gravados relatos dos estudantes que autorizaram o uso de suas narrativas, com o objetivo de compor o produto final da ação. A partir desses

registros, foi construída uma linha do tempo coletiva em cartolina, reunindo cartas, relatos e memórias, com potencial para futura exposição no espaço escolar. O encerramento da ação ocorreu em 01 de julho de 2025, com um momento de confraternização, partilha de alimentos e reflexão coletiva sobre os aprendizados construídos ao longo do processo.

Durante todas as etapas, observou-se elevado nível de interesse, envolvimento e sensibilidade por parte dos estudantes. A organização da equipe, o diálogo constante com a escola, a divisão colaborativa das tarefas e a construção coletiva do plano de ação foram fatores determinantes para o bom andamento do projeto e para o êxito da metodologia adotada, reafirmando o potencial da extensão universitária como prática formativa, humanizadora e socialmente comprometida.

RESULTADOS

A ação extensionista apresentou resultados positivos em múltiplas dimensões, evidenciando a adequação da metodologia adotada, fundamentada no diálogo, na afetividade e na escuta sensível. A participação ativa dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos confirmou a eficácia dessa abordagem, uma vez que os sujeitos se sentiram reconhecidos e valorizados ao compartilharem suas trajetórias e perceberem que suas vivências possuem lugar legítimo no espaço escolar. Esse reconhecimento contribuiu para a

construção de um ambiente mais acolhedor, no qual a palavra e a experiência de vida assumiram centralidade no processo educativo.

Observou-se o fortalecimento da autoestima dos estudantes e o aumento da motivação para a permanência na escola, bem como uma ampliação das interações entre os membros da turma. As atividades propostas favoreceram a criação de vínculos baseados na confiança e no respeito mútuo, estimulando a participação coletiva e a escuta entre pares. Além disso, a ação contribuiu para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento dos alunos no contexto escolar, aspectos fundamentais para a consolidação de trajetórias educacionais mais contínuas.

No âmbito formativo, os licenciandos envolvidos puderam refletir criticamente sobre o papel do professor enquanto mediador sensível, capaz de acolher histórias de vida diversas e transformar o espaço escolar em um ambiente mais humano e significativo. A interação direta com a comunidade escolar reforçou a função social da universidade e evidenciou o potencial da extensão como espaço de aprendizagem mútua.

Entre os desafios enfrentados, destacam-se as limitações de tempo para o aprofundamento de determinadas atividades, a ausência pontual de alguns estudantes e a necessidade constante de adaptação da linguagem e das estratégias pedagógicas às especificidades do grupo. Ainda assim, tais desafios não comprometeram os resultados alcançados, mas evidenciaram a importância da flexibilidade metodológica em ações extensionistas.

CONCLUSÃO

A experiência desenvolvida reafirma o potencial transformador da extensão universitária quando orientada por princípios como a escuta ativa, o diálogo e o respeito às trajetórias de vida dos sujeitos envolvidos. A ação demonstrou que práticas pedagógicas fundamentadas no acolhimento e na valorização das experiências individuais contribuem significativamente para a construção de ambientes educativos mais inclusivos e emancipatórios.

Sob a perspectiva teórica, a ação dialogou de forma consistente com os pressupostos da pedagogia freireana, ao reconhecer os estudantes da EJA como sujeitos históricos, portadores de saberes e protagonistas do processo educativo. A escuta sensível e o reconhecimento das narrativas pessoais possibilitaram a ressignificação do aprender, deslocando o foco da educação bancária para uma educação centrada no encontro e na construção coletiva de sentidos.

Por fim, os aprendizados construídos ao longo da ação extrapolam os resultados imediatos, configurando-se como uma experiência formativa fundamental para os acadêmicos envolvidos e como uma contribuição relevante para a comunidade escolar. Como perspectiva futura, recomenda-se a ampliação da proposta para outras turmas e contextos educacionais, com vistas à consolidação de projetos permanentes de valorização das trajetórias escolares, fortalecimento da identidade e promoção de uma educação comprometida com a dignidade, a inclusão e a transformação social.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação de jovens e adultos**: fundamentos, práticas e desafios. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

ESCUITA, VOZ E PERTENCIMENTO: OFICINAS MUSICAIS COM CONSCIÊNCIA IDENTITÁRIA

*Alice Abdias Novais
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Igor Ferreira dos Santos
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo
Maria Eduarda Bonfim;
Maria Fernanda Venâncio Alves;
Nicolly Gabrielli Silva da Cruz;
Robério Cavalcante Benicio;
Sara Silva Alves;
Taciane Vicente*

INTRODUÇÃO

A presente ação extensionista parte do reconhecimento da música como um potente dispositivo pedagógico, afetivo e social, capaz de contribuir de forma decisiva para a construção das identidades, o fortalecimento de vínculos comunitários e a promoção do pertencimento entre jovens em situação de vulnerabilidade social. Inserida no contexto formativo dos estudantes do Centro Territorial de Educação Profissional - Teixeira de Freitas e articulada à proposta pedagógica do curso técnico em música, a iniciativa

estruturou-se a partir de encontros em formato de oficina, orientados pela escuta sensível, pela reflexão crítica sobre as trajetórias de vida dos participantes e pela compreensão da arte como elemento transformador das experiências subjetivas e coletivas.

Inspirada nos princípios da educação dialógica, emancipadora e popular, conforme proposto por Paulo Freire (2014), a ação compreende a música não apenas como expressão estética, mas como linguagem de resistência, elaboração crítica do mundo e afirmação de existências historicamente silenciadas. Nessa perspectiva, buscou-se estimular, ao longo das oficinas, a escuta ativa e o debate crítico a partir de canções que abordam questões sociais, raciais e de gênero, promovendo espaços nos quais os estudantes pudessem refletir sobre identidade, pertencimento e transformação social por meio de suas próprias vivências e repertórios culturais.

A escolha por trabalhar com referências musicais como Mano Brown, Emicida, Liniker e Elza Soares fundamenta-se na compreensão de que suas obras funcionam como verdadeiras “teorias populares” da experiência social, ao inscreverem narrativas marcadas pela exclusão, pelo racismo, pela dissidência e pela dor, mas também pela resistência e pela reinvenção. Tal abordagem dialoga com as reflexões de Lucy Green (2002), ao situar a prática musical em contextos reais e participativos, bem como com Stuart Hall (2003), ao conceber a identidade como construção relacional, histórica e permanentemente em disputa. Bell Hooks (1994), por sua vez, contribui ao pensar a arte como espaço de cura, subversão e reescrita de narrativas, especialmente para sujeitos marginalizados.

A justificativa da ação reside na necessidade de criar espaços educativos que reconheçam os jovens como sujeitos de saber, portadores de histórias, afetos e memórias que atravessam seus processos formativos. Em contextos marcados por desigualdades sociais e simbólicas, a música emerge como uma linguagem acessível e potente para o fortalecimento do protagonismo juvenil, permitindo que os estudantes expressem suas vivências afetivas, comunitárias e artísticas, ao mesmo tempo em que se reconhecem como agentes de transformação social e cidadã. Ao valorizar suas trajetórias e experiências, a ação contribui para a ampliação do sentido de pertencimento e para a construção de identidades mais afirmadas e conscientes.

Nesse sentido, o projeto articula-se ao compromisso extensionista de uma universidade pública engajada com seu território, ao promover espaços de diálogo, escuta e reconstrução de sentidos coletivos, em consonância com o projeto mais amplo do CCEX. A ação também se ancora nas contribuições de Paul Ricoeur, ao compreender a memória como campo de disputa e condição fundamental para o reconhecimento e a reconstrução identitária, tanto no plano individual quanto coletivo. Ao abrir espaço para que os jovens compartilhem experiências, afetos e memórias mediadas pela música, a iniciativa dialoga com a perspectiva de Giuseppe Tosi (2010) sobre a função educativa da memória histórica, transformando vivências individuais em matéria de reflexão crítica e fortalecimento ético-político da coletividade.

Por fim, ao integrar escuta, expressão artística e reflexão crítica, a ação buscou não apenas potencializar a for-

mação musical dos estudantes, mas também valorizar suas trajetórias enquanto sujeitos em formação artística e cidadã, registrando e sistematizando o processo com vistas à replicação futura e à produção acadêmica comprometida com a transformação social.

METODOLOGIA

Descrição das atividades desenvolvidas, conteúdo ministrado (se curso, oficina ou palestra ou outro evento), Período realizado (dia, horário, carga horária), local, público ouvinte, participante, pessoas envolvidas na organização. É descrever todo o passo a passo. A ação Escuta, Voz e Pertencimento: oficinas musicais com consciência identitária foi concebida a partir do reconhecimento da música como uma linguagem acessível, sensível e potente para promover a escuta, o diálogo e a reflexão crítica sobre identidade, memória e pertencimento.

A proposta metodológica escolhida — oficinas musicais participativas — se mostrou especialmente adequada ao contexto dos/as estudantes do curso técnico em música do CETEPES, jovens em formação artística e cidadã, que já mantêm uma relação cotidiana com a música enquanto expressão e afeto. A metodologia adotada tem inspiração freiriana, centrada no diálogo horizontal, na valorização dos saberes populares e na escuta ativa (Freire, 2014). Tal escolha se alinha à proposta do projeto de extensão Memórias e Identidades Culturais em Práticas de Extensão Universitária, que compreende a extensão como prática forma-

tiva mútua, em que universidade e comunidade constroem conhecimentos e se transformam mutuamente.

O uso da música como recurso pedagógico permitiu evocar memórias afetivas e experiências pessoais que, narradas em grupo, constituíram um espaço simbólico de pertencimento coletivo. Inicialmente, o projeto previa como público-alvo crianças que fazem parte do programa do Núcleo Estadual de Orquestra Juvenil e Infantil da Bahia (NEO-JIBA). No entanto, após reuniões internas com a equipe de oficinairos/as e avaliação da logística envolvida — incluindo disponibilidade de tempo, deslocamento e autorização das escolas — foi feita uma mudança estratégica: decidiu-se por realizar a ação com adolescentes do ensino médio integrado do CETEPES.

A mudança permitiu maior viabilidade de execução e ampliou o potencial de aprofundamento das discussões propostas, considerando a maior maturidade e bagagem musical dos jovens. A escolha da escola CETEPES também se deu por um fator facilitador: alguns membros da equipe já tinham vínculo com a instituição e puderam, com apoio da coordenação pedagógica, solicitar o espaço e o tempo com os/as alunos/as. Essa proximidade com a escola possibilitou o diálogo direto com os estudantes e favoreceu o planejamento das oficinas em horários compatíveis com a rotina escolar.

Planejamento da ação

O planejamento envolveu reuniões entre os/as oficinairos/as e orientadores/as do projeto para definição dos ob-

jetivos, metodologia e cronograma. Optou-se por realizar duas oficinas presenciais com os/as estudantes do CETEPES, priorizando o turno vespertino nos dias 27/06/2025 e 04/07/2025. O público-alvo foi definido em diálogo com a coordenação do curso técnico em música da instituição, que identificou interesse e disponibilidade dos estudantes para participarem da ação. O local escolhido foi a própria sede do CETEPES, considerando o vínculo dosicineiros com o espaço e a facilidade de acesso. Além disso, a proposta foi desenhada com o objetivo de alinhar-se diretamente ao tema central do CCEX — Memórias e Identidades Culturais em Práticas de Extensão Universitária — uma vez que as oficinas musicais foram estruturadas para promover o resgate de memórias afetivas por meio da música, além de incentivar os participantes a expressarem suas identidades por meio de narrativas pessoais e coletivas, ancoradas em suas vivências culturais.

Execução da ação

A primeira oficina, realizada no dia 27/06/2025, contou com a presença de 11 estudantes e teve duração de duas horas. Apesar do número reduzido — em parte devido à chuva naquele dia — a participação foi intensa e qualificada. O encontro teve início com uma apresentação institucional da universidade e do projeto, seguida da exibição do videoclipe da música AmarElo, de Emicida, Pablo Vittar e Majur. A partir da escuta e da letra da música, osicineiros

estimularam os estudantes a compartilharem memórias e afetos ligados a outras canções. Relatos significativos emergiram, como o de uma aluna que lembrou a última música ouvida com o avô falecido, revelando a música como elo entre lembrança e emoção. A atividade final foi a proposta de uma produção textual para casa, na qual cada participante deveria escolher uma música ligada à sua memória ou identidade e escrever sobre essa escolha.

A segunda oficina, realizada no dia 04/07/2025 teve duração de 50 minutos e retomou os relatos produzidos pelos/as estudantes. Os textos foram lidos em grupo e fixados em um cartaz coletivo, simbolizando a construção conjunta de memórias afetivas. Foram selecionadas cinco canções mencionadas pelos participantes para audição em sala, entre elas Trem Bala (Ana Vilela), Minha Vida (Rita Lee) e Bom Te Encontrar (BK). Após cada música, os alunos foram convidados a comentar os sentimentos despertados pela escuta.

As falas abordaram temas como passagem do tempo, amores perdidos, infância, superações e lutos. Ao final, todos colaram seus textos no cartaz e tiraram uma foto em grupo, encerrando simbolicamente o ciclo da oficina. A equipe responsável pela execução foi composta pelos/as discentes Robério Cavalcante, Taciane Vicente, Maria Fernanda, Nicoly Gabrielli e Maria Eduarda Leite, com orientação docente vinculada ao projeto. A metodologia buscou valorizar a afetividade, a autonomia, a escuta e a construção coletiva de saberes — princípios fundamentais da prática extensionista crítica e transformadoras.

RESULTADOS

A execução da ação extensionista respeitou integralmente o cronograma estabelecido, com a realização de duas oficinas nos dias 27 de junho e 04 de julho de 2025, no turno vespertino, na sede do CETEPES. A carga horária totalizou 2h50min, sendo duas horas no primeiro encontro e cinquenta minutos no segundo. Apesar de condições climáticas adversas no primeiro dia, o que comprometeu o comparecimento de parte dos estudantes, a proposta foi executada conforme o planejado, com boa adesão e engajamento qualitativo dos participantes ao longo das atividades.

Durante as oficinas, foi possível observar uma significativa mobilização afetiva e crítica por parte dos estudantes, que participaram de forma ativa e sensível das propostas desenvolvidas. A escuta da música *AmarElo*, de Emicida, Pablllo Vittar e Majur, serviu como ponto de partida para reflexões sobre desigualdade social, pertencimento e memória. Estudantes compartilharam músicas com forte carga emocional, como *Velha Infância* (Tribalistas) e *No Dia em que Eu Saí de Casa* (Zezé Di Camargo & Luciano), esta última associada por uma aluna à lembrança do avô falecido, o que demonstra o alcance afetivo da atividade. Os relatos espontâneos revelaram a potência da música como mediadora de lembranças, emoções e narrativas pessoais.

Os textos produzidos pelos estudantes, a partir da proposta de escrever sobre uma música que remeta à identidade ou à memória, foram reunidos e fixados em um cartaz coletivo, confeccionado na segunda oficina. Esse cartaz simboli-

zou a construção de um espaço comum de pertencimento e memória partilhada. Além disso, algumas das canções mencionadas nos relatos, como *Trem Bala* (Ana Vilela), *Minha Vida* (Rita Lee) e *Bom Te Encontrar* (BK), foram reproduzidas durante o encontro, e os estudantes foram convidados a expressar os sentimentos despertados pela escuta. Entre os temas abordados nas falas, destacaram-se a passagem do tempo, as mudanças da vida, a saudade, o luto e os afetos familiares. Ao final, os textos foram colados no cartaz e uma foto em grupo foi tirada como forma simbólica de encerramento da ação.

A disseminação dos resultados se deu por meio de registros escritos produzidos pela equipe responsável pela execução, fotografias dos encontros, coleta dos relatos dos participantes e produção do cartaz coletivo. Todo o material compõe um acervo afetivo e pedagógico que poderá subsidiar ações futuras do projeto e possíveis publicações acadêmicas ligadas ao CCEX. Além disso, o relatório sistematizado desta ação contribui para a documentação formal da experiência e possibilita sua replicação em outros contextos.

Entre os aspectos positivos observados, destaca-se o vínculo já existente entre parte da equipe executora e a escola, o que facilitou o planejamento e a articulação institucional. A recepção da proposta por parte dos estudantes foi bastante acolhedora, sendo perceptível o conforto e a abertura com que se expressaram. A escolha metodológica, centrada na escuta sensível e no diálogo, mostrou-se adequada ao perfil do público e às temáticas abordadas. A música, enquanto linguagem acessível e afetiva, favoreceu a criação de um ambiente de confiança e troca sincera.

Entretanto, algumas dificuldades foram enfrentadas. A principal delas foi a baixa presença de alunos na primeira oficina, devido à forte chuva no dia do encontro. Ainda assim, o número de participantes presentes foi suficiente para manter a qualidade das interações propostas. Outra limitação foi o tempo reduzido da segunda oficina, que teve duração menor que a prevista inicialmente, exigindo ajustes dinâmicos na condução da atividade. Por fim, a ausência de equipamentos de som mais potentes comprometeu, em certos momentos, a qualidade da reprodução das músicas, dificultando a escuta plena por parte do grupo.

Apesar dos desafios, os resultados obtidos confirmam a relevância da ação como espaço de formação afetiva, crítica e cidadã, contribuindo de modo expressivo para o fortalecimento dos vínculos entre universidade e comunidade, bem como para o exercício da escuta e da expressão como práticas educativas fundamentais.

CONCLUSÃO

Cumprimento dos objetivos da ação e alinhamento com os objetivos do projeto maior do CCEX, Sugestões / outras observações. Ante ao que foi exposto acima, algumas considerações podem ser feitas, unindo base teórica com aplicação prática. O público alvo da ação foi o público juvenil e, em conjunto com eles, buscamos estimular seu protagonismo e expressão de vivências empíricas através da afetividade encontrada em uma canção, e a partir disso desenvolver

uma escuta ativa e promover debates sobre quais seriam os motivos ou razões de aquela letra ou melodia despertar no indivíduo sentimentos “fortes” o suficiente para que a música em questão marque sua trajetória. É interessante ressaltar que as canções selecionadas trafegam por diversos gêneros musicais diferentes, do MPB para o Sertanejo e então para o Rap, ilustrando que a identificação pode se encontrar em diferentes contextos(...) Sugestões: melhorar com o tempo as abordagens, fazer colagens, murais, oficina com o uso de instrumentos

REFERÊNCIAS

MELO, F. D. Sobre a História, a Memória, o Esquecimento em Paul Ricoeur – os labirintos da epistemologia e da hermenêutica. **Revista Historiar**, v. 2, n. 3, 2013.

Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/47](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/47). Acesso em: 18 jul. 2025.

TOSI, Giuseppe. Memória, história e esquecimento: a função educativa de memória histórica. In: RUIZ, Castor Bartolomé M. M. (Org.). **Direito à justiça, memória e reparação: a condição humana nos estados de exceção**. São Leopoldo: Casa Leiria; Passo Fundo: IFIBE, 2012.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmen; DUARTE, Rosângela. Oficinas Pedagógicas Musicais: Espaço Construtivista Privilegiado de Formação Continuada. Schème: **Revista Eletrônica de Psicologia e**

Epistemologia Genéticas, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/564>. Acesso em 24 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

SIMÕES, Alan Caldas. **A teoria do significado musical de Lucy Green: fundamentos sociológicos para a educação musical**. São Paulo: Editora UNESP, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro (trad.). 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SABERES TRADICIONAIS, AGROECOLOGIA E JUSTIÇA AMBIENTAL

*Carina Gonçalves de Oliveira
Fábio Junior da Luz Barros
Gustavo de Sousa Serapião
Lílian Santos Lima Rocha de Araújo*

INTRODUÇÃO

O projeto Saberes dos Povos Tradicionais e Agroecologia é um resgate de luta e resistência em comunhão com a terra e a preservação ambiental. O Brasil guarda, em sua história, um lastro de injustiças cometidas tanto contra a cultura indígena quanto contra os povos pretos, que perderam, ao longo do tempo, seus saberes, suas terras, suas vidas e suas espiritualidades. Na contemporaneidade, o mesmo sistema de exclusão e esquecimento dos povos tradicionais e de seus conhecimentos segue em curso — não apenas destruindo a cosmovisão dessas comunidades, mas também atacando o meio ambiente e rompendo a conexão sagrada entre os sujeitos e a biodiversidade que os cerca.

O Brasil, a cada dia, se alinha a políticas neoliberais de devastação ambiental. Tais ações, a curto ou longo prazo, inevitavelmente causarão danos nacionais e globais. Frente a isso, erguem-se como força de resistência os povos indí-

genas, quilombolas, povos de terreiro e movimentos como o MST e a Teia dos Povos, que se unem para preservar a ancestralidade, a espiritualidade e, acima de tudo, a conexão com a Mãe Terra.

O mestre Antônio Bispo, em seu livro *A Terra Dá, A Terra Quer* (Ubu, 2021) nos convida a refletir e a mudar a forma como caminhamos sobre o chão que nos sustenta, evocando os saberes ancestrais de povos africanos e indígenas — grandes mestres do conhecimento. Diante das atuais pesquisas científicas, os dados revelam um cenário catastrófico para a humanidade, causado pelas mudanças climáticas e pela destruição da fauna e da flora, especialmente no Brasil. Nesse contexto, é urgente pensar uma educação contra-colonial e transdisciplinar, que acolha todas as áreas e níveis do saber, a fim de enfrentar os desafios climáticos que já se mostram visíveis.

O mestre Ailton Krenak, em sua obra *Futuro Ancestral* (Companhia das Letras, 2022) nos lembra da importância de valorizar os saberes das anciãs e anciãos, além de desenvolver uma relação mais profunda com a terra. Ela nos dá a vida, mas a humanidade, ao não respeitá-la, a transforma em escambo constante, tornando-a, por fim, inabitável. O projeto *Saberes dos Povos Tradicionais e Agroecologia* tem como objetivo aproximar a comunidade escolar dos saberes tradicionais de cuidado e preservação ambiental, proporcionando qualidade de vida, memórias e afetos gerados a partir da relação com a natureza.

O CCEX é uma oportunidade de expandir o conhecimento para além dos muros da academia e incluir todos

os sujeitos em uma luta justa e ancestral. Justificativa A urgência em enfrentar os impactos socioambientais provocados pelo avanço de políticas neoliberais, a destruição dos ecossistemas e o apagamento sistemático dos saberes tradicionais exige uma reconfiguração profunda nos processos educativos e formativos. No Brasil, país marcado por uma história de colonialismo, escravização e marginalização de saberes ancestrais, torna-se fundamental reconhecer e valorizar os conhecimentos dos povos indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais como estratégias de resistência, cuidado com a terra e promoção de justiça ambiental.

O projeto Saberes dos Povos Tradicionais e Agroecologia surge, portanto, como uma ação de enfrentamento à crise civilizatória que vivenciamos, propondo a retomada de uma relação ética, espiritual e sustentável com a natureza. Ao estabelecer um diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes ancestrais, o projeto busca fortalecer práticas pedagógicas que valorizem a agroecologia, a espiritualidade, a oralidade e a ancestralidade como ferramentas de transformação social. Justifica-se, ainda, pela necessidade de ampliar o acesso a conhecimentos historicamente silenciados, rompendo com a lógica eurocêntrica que estrutura grande parte dos currículos escolares. Ao aproximar a comunidade escolar das práticas tradicionais de cuidado com o meio ambiente, o projeto contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a preservação da vida em todas as suas formas.

METODOLOGIA

Foi desenvolvido um diálogo com os alunos do 1º, 2º e 3º ano e com o professor mestre em Geografia, João Paulo de Oliveira, no Colégio CETEPES, acerca das mudanças climáticas, tanto em nível global quanto nacional, e do agravamento da destruição da biodiversidade brasileira, em especial no extremo sul da Bahia, causada pelas empresas de celulose e pelo agronegócio, o que afeta diretamente a vida das comunidades tradicionais da região, gerando conflitos agrários e contribuindo para a perda da Mata Atlântica, de sua fauna e flora. Além disso, foi salientada a questão da escassez de terras agricultáveis para famílias de assentamentos, comunidades quilombolas, indígenas e terreiros de candomblé, grupos historicamente marginalizados e esquecidos pelo Estado, que vivem em constante situação de vulnerabilidade e sob ameaça das grandes empresas e fazendeiros da região.

Como base para o diálogo, foram utilizados autores como Antônio Bispo, Ailton Krenak e Joelson Ferreira, por meio de apresentações em slides. Todos esses autores destacam, em suas obras, a importância dos saberes ancestrais como instrumento de resistência ao colonialismo, ao racismo estrutural e ao imperialismo ainda vigentes no Brasil — que incidem não apenas sobre os corpos considerados abjetos, mas também sobre o meio ambiente e os serviços ecossistêmicos que sustentam a vida.

RESULTADOS

Os principais resultados a proposta de revitalização do espaço escolar (horta e Jardim) que está em processo de construção, e muitas reflexões sobre o assunto foram feitas, pois uma parte considerável dos estudantes desconhecia o assunto ou não havia parado para pensar o quão grave é os dados sobre crise ambiental, em especial no Brasil. A maior dificuldade foi encontrar um horário para realizar a atividade, mas o professor e mestre em geografia João Paulo cedeu as aulas dele para que os alunos tivessem acesso a essas informações, no mais ocorreu tudo bem e houve muita receptividade do assunto e os próprios estudantes tiraram dúvidas, questionaram, perguntaram e pediram indicações de livros e filmes sobre o assunto.

CONCLUSÃO

O projeto CCEX devia abrir um espaço para as questões de resistência e luta dos povos tradicionais do Extremo Sul da Bahia, voltado a práticas ambientais ancestrais, coletividade, resistência e agroecologia.

REFERÊNCIAS

BISPO, Nego. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2021.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Alexandre Conceição.
Por terra e território: caminhos da revolução. São Paulo:
Expressão Popular, 2013.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo:
Companhia das Letras, 2022 MST – Movimento dos
Trabalhadores Rurais Sem Terra. Disponível em: [https://
mst.org.br/](https://mst.org.br/). Acesso em: 26 abr. 2025.

TEIA DOS POVOS. Teia dos Povos. Disponível em:
<https://teiadospovos.org>. Acesso em: 1 maio 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente e-book mostra, de forma objetiva, que a extensão universitária atua como uma ponte vital entre o conhecimento acadêmico e as práticas comunitárias. No caso deste escrito, a responsabilidade é manter um foco central na valorização das memórias e identidades culturais de grupos historicamente marginalizados na região sul da Bahia, área de abrangência da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), campus Teixeira de Freitas.

Por meio de metodologias como escuta sensível, história oral, oficinas de fotografia, música e produção de documentários, as ações realizadas pelos alunos e alunas visaram o rompimento com a invisibilidade social e o silenciamento histórico enfrentados por crianças em acolhimento institucional, comunidades quilombolas, idosos, pessoas com deficiência, estudantes da EJA e populações em situação de rua. Em outras palavras, colocou em prática um dos três pilares que as Instituições de Ensino Superior (IES) têm por obrigação cumprir: ensino, pesquisa e extensão. Neste caso, este trabalho trouxe consigo experiências da extensão realizadas no CCEX, componente curricular ofertado nos semestres 2025.1 e 2025.2, pelos professores Fábio Barros, Lílian Araújo e com o apoio do mestrando e estagiário Gustavo Serapião.

Com base nas reflexões dos relatórios aqui publicados, observou-se que os principais impactos dessa relação entre universidade e o público externo, sobretudo os em situação de vulnerabilidade, giraram em torno das seguintes questões: durante a inserção em campo, houve um resgate da dignidade e da visibilidade; ou seja, as atividades permitiram que sujeitos em situação de vulnerabilidade se reconhecessem como protagonistas de suas próprias histórias, transformando memórias individuais em patrimônio coletivo e afetivo. Isso resultou no fortalecimento identitário, por exemplo, por meio do uso da arte e da ludicidade, seja através de autorretratos, oficinas musicais ou feiras culinárias. Esses elementos mostraram que a universidade é uma ferramenta potente para a reconstrução da autoestima e do sentimento de pertencimento, auxiliando na elaboração das experiências de vida das pessoas.

Observou-se também a formação acadêmica e cidadã dos estudantes de graduação, que participaram das ações extensionistas. A experiência proporcionou um aprendizado prático no qual eles puderam lidar com grupos muitas vezes marginalizados socialmente, permitindo que a teoria dialogasse com a realidade social. Os textos aqui apresentados destacam que a maior mudança ocorreu nos próprios acadêmicos, que passaram a valorizar os saberes populares como fonte legítima de conhecimento. Isso porque somente por meio da escuta e do reconhecimento do outro podemos nos sensibilizar diante da sociedade que o mundo nos apresenta.

A integração entre universidade e sociedade, em parcerias com instituições locais como o Centro de Convivência

do Idoso, a Casa da Criança Renascer e o Centro de Artes e Esportes Unificados (CÉU), consolidou o papel da Universidade Federal do Sul da Bahia como um agente comprometido com o bem-estar social e a justiça ambiental em Teixeira de Freitas.

Em suma, os relatórios indicam que o fortalecimento da memória é um ato de resistência contra a exclusão social. Como desdobramento futuro, a análise dos dados construídos e as reflexões dos autores sinalizaram a necessidade de continuidade das ações e maior inserção territorial, visando transformar esses registros em subsídios para políticas públicas e garantir que as vozes desses grupos permaneçam ativas nas gerações futuras. Além disso, muitas lideranças das instituições participantes destacaram a falta de integração entre a universidade e a sociedade civil, apontando a importância de continuar promovendo esse vínculo.

DADOS DOS ORGANIZADORES

Lilian Santos Lima Rocha de Araújo

Docente da Universidade Federal do Sul da Bahia. Graduação em Enfermagem. Mestrado em Educação. Especialização em Psicologia Social. Especialização em Políticas Públicas Gestão e Práticas Educativas.

Fábio Júnior da Luz Barros

Professor substituto da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES). Mestre pelo mesmo programa. Bacharel e licenciado em Geografia. Especialista em Ensino na Educação Fundamental I e II.

Gustavo de Sousa Serapião

Mestrando em Ciências e Sustentabilidade (UFSB) Especialista em Química Ambiental (Facuminas) Especialista em Neurociência aplicada na Aprendizagem (Facuminas) Licenciado em Ciências Naturais (UFSB).

DADOS DOS AUTORES

Alice Abdias Novais

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Alice Souza Santos

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias -Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Ana Caroline Lima

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias -Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Andressa Goncalves Silva

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias -Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Ângela Maria Pastana Barreto

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Beatriz Borges Gonçalves Silva

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias -Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Bianca Maria Ribeiro Cavalcante

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Brayan Conceição Ropeker

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Camilly de Souza Ferreira

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Carina Gonçalves de Oliveira

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Carlos Filipi Moreira

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Caroline Afonso da Silva

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências da Natureza e suas Tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Clarice Tercilia Barnabe

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Claudia Ferreira Dos Santos

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Cleana Pereira Silva Alves

Graduação em Pedagogia - Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Bahia (2002). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior. Docente do ensino fundamental no município de Teixeira de Freitas-BA. Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Cristina de Jesus Santos

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Edivania Costa Argentina

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Ednaldo Ferreira da Silva

Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Professor de Educação Física e gestor educacional.

Emanuelly Fernandes Pinheiro

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Emile Oliveira Dal-Bo

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Estefanie Sfalsin de Freitas

Bacharel Interdisciplinar em Humanidades – Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Graduanda de Psicologia – UFSB.

Evellyn Santos Bonfim

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Fabrcio de Souza Gomes

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Franciele Cruz Rodrigues

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Francilda Barros de Santana Souza

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Gabrielli dos Santos Dutra

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Guilherme de Almeida Melo

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências da Natureza e suas Tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Guilherme Ramos Vieira

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Guilherme Santos Pereira

Graduado em Direito pela FACISA - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (2023); Pós-graduado (Lato Sensu) em Direito Imobiliário pela LEGALE Educacional (2024); Pós-graduado (Lato Sensu) em Direito Civil e Direito Processual Civil pela LEGALE Educacional (2024); Pós-graduando (Lato Sensu) em Direitos Humanos pela I9 Educação; Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Iasmim Rodrigues Silva

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Igor Ferreira dos Santos

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Jamile Souza Justino

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Jaqueline de Jesus Paulo Leocácio

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

João Edson Nascimento de Souza

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Kelson Talles de Jesus Meireles

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Lara Brito dos Santos

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Leticia Ribeiro Matos

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Lorena Ribeiro Agostinho

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Luana Santos Brito

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Luiz Henrique Santos Passos

Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Maithê Maria Barbosa de Oliveira

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Maria Caroline Oliveira Souza

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Maria Delcides Loiola Carneiro

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Maria Eduarda Leite Bomfim

Bacharel Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Graduanda de Psicologia - UFSB.

Maria Fernanda Venâncio Alves

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Maria Tereza Gomes Francelino Souto

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Matheus Massanori Andrade Oikawa

Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Maxwell Saúde Correia da Silva

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Milena Gonzaga Santos

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Mirela Arifa Sena

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Naiara Da Silva Guimarães Jacobsen

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Nicolý Gabrielli Silva da Cruz

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Pâmela Reis Carvalho

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Paulo Henrique dos Santos Silva

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Paulo Henrique Fernandes Conceição Oliveira

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Priscila Romana Silva Seixas

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Raiane Pires Nicasse

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Raquel Mendes Almeida

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Regina Pires Nicasse

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Robério Cavalcante Benicio

Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Rosemarcia Assiss de Souza

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Samira Damasceno Santos

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Sara Silva Alves

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Taciane Vicente

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Talita Jesus dos Santos

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Tamires Santos Rodrigues Sales

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Veronica Santos Silva

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Virgínia Silva Nascimento

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Yolanda Teixeira de Azevedo

Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

E-BOOK

MEMÓRIAS E IDENTIDADES CULTURAIS

EXPERIÊNCIAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Este livro foi composto no formato 15,0 x 21,0 cm, fonte
Minion Pro (texto principal e títulos).

Em janeiro de 2026.

Organização e Revisão
Prof. Msc: Lilian Araujo
Prof. Msc. Fabio Jr. Barros
Prof. Gustavo Serapião

ISBN: 978-65-83341-25-9

